



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LYGIA MARIA DOS SANTOS BAHIA

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE MULHERES NADADORAS:
O QUE A TRAVESSIA MAR GRANDE-SALVADOR REVELA
SOBRE A EDUCAÇÃO DAS MULHERES EM SALVADOR/BA**

Salvador
2017

LYGIA MARIA DOS SANTOS BAHIA

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE MULHERES NADADORAS:
O QUE A TRAVESSIA MAR GRANDE–SALVADOR REVELA
SOBRE A EDUCAÇÃO DAS MULHERES EM SALVADOR/BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília de Paula Silva

Salvador
2017

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Bahia, Lygia Maria dos Santos.

Histórias e memórias de mulheres nadadoras : o que a travessia Mar Grande - Salvador revela sobre a educação das mulheres em Salvador/BA / Lygia Maria dos Santos Bahia. - 2017.
104 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cecília de Paula Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2017.

1. Natação para mulheres - Brasil - História. 2. Natação em águas abertas - Bahia - História. 3. Mulheres - Educação - Brasil - História. 4. Imagem corporal em mulheres. I. Silva, Maria Cecília de Paula. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD – 797.21 – 23. ed.

LYGIA MARIA DOS SANTOS BAHIA

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE MULHERES NADADORAS: O QUE A
TRAVESSIA MAR GRANDE–SALVADOR REVELA
SOBRE A EDUCAÇÃO DAS MULHERES EM SALVADOR/BA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Educação, Faculdade de Educação, da
Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 10 de maio de 2017

Maria Cecília de Paula Silva – Orientadora _____
Dra. em Educação Física pela Universidade Gama Filho/RJ
Universidade Federal da Bahia

Admilson Santos _____
Dr. em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Anália de Jesus Moreira _____
Dra. em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Cristine Lima Pires _____
Dra. em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Secretaria de Educação da Bahia

Aos meus pais Antonio (*in memoriam*) e Maria Lygia, a minha avó Guiomar (*in memoriam*), e a todas as mulheres que foram e são importantes na minha vida.

Serei sempre grata,

A Deus, pela oportunidade da minha existência e à espiritualidade que me protege e orienta;

À minha mãe, pela compreensão dos momentos em que estive ausente;

Às minhas filhas, Carolina e Luiza, por despertarem em mim os meus melhores sentimentos, e pelas palavras de ânimo e valoração;

Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos, pelo carinho e incentivo;

Às minhas amigas, pela escuta e palavras encorajadoras;

A Cecília, pela oportunidade, pela confiança, por regar com alegria e afetividade todos os nossos encontros, transformando as nossas orientações em momentos de saber e prazer;

A Angela, Marília, Desirée e Fernanda, por aceitarem participar dessa pesquisa, pela disponibilidade e acolhimento. As suas narrativas deram vida a esse projeto;

Aos colaboradores Ney e Sued, por se disponibilizarem e contribuírem com as suas experiências para enriquecer esse trabalho;

Aos colegas do grupo de pesquisa HCEL, pela acolhida, pela troca de experiência, pelos aprendizados, pelos encontros alegres e descontraídos que compartilhamos nesses dois anos;

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA, pelos aprendizados e convívio colaborativo dos funcionários e professores que fizeram parte desse processo;

Aos professores Anália Moreira, Cristine Pires e Admilson Santos, que muito contribuíram para o enriquecimento da dissertação;

Aos professores e estagiários do Projeto Nadar, que “seguraram as pontas” em todos os momentos de ausência;

Aos meus colegas da UNIRB, pela paciência com os meus momentos de ausência;

A D. Lelinha, que em nome de Tavinho (Otávio de Oliveira Dantas), me recebeu com carinho e alegria;

E outros (as) que cruzaram o meu caminho nesses dois anos e que, de alguma forma, contribuíram para a realização desse sonho.

*Eu sou aquela mulher
a quem o tempo muito ensinou.
Ensinou a amar a vida
E não desistir da luta,
recomeçar na derrota,
renunciar a palavras
e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos
e ser otimista.*

*Creio na força imanente
que vai gerando a família humana,
numa corrente luminosa
de fraternidade universal.*

*Creio na solidariedade humana,
na superação dos erros
e angústias do presente.
Aprendi que mais vale lutar
do que recolher tudo fácil.
Antes acreditar do que duvidar.*

Cora Coralina

RESUMO

A pesquisa objetivou reconstruir, no tempo presente, uma das histórias da participação das mulheres na Travessia Mar Grande–Salvador, a fim de estabelecer relações entre a educação das mulheres e a participação na prova. Investigou-se algumas edições dessa Travessia, que teve grande destaque nos anos 1950, e acontece até os dias atuais. As mulheres, consideradas “sexo frágil”, “de corpo delicado” neste período, realizaram a prova à época e continuam a realizá-la, a despeito de questões sociais e educacionais. Justifica-se a presente investigação pelos estudos escassos a respeito das relações entre história da educação das mulheres e a natação em mar aberto. Utilizou-se a metodologia da história oral temática (Thompson, 1992; Delgado, 2006) para elucidar e recuperar histórias e memórias dos envolvidos na Travessia, e outras fontes documentais. A produção dos sentidos foi igualmente contemplada, a partir dos pressupostos teóricos da análise de conteúdo (Véron, 1980). Os resultados indicam que a participação na prova, era e é de mulheres da elite soteropolitana, em sua maioria branca. Esta participação permanece reduzida em relação à dos homens, bem como de mulheres de outras classes sociais, ainda com resistências. A despeito dessas resistências, as mulheres que ousaram desafiar e desafiar-se admitem que a participação na Travessia foi importante na educação de forma geral, por oportunizar o conhecimento e superação dos limites de cada uma, promover a autoestima, o respeito ao outro, a convivência com as diferenças, a disciplina, aquisição de novos saberes. Conclui-se que questões sociais, econômicas e educacionais, continuam a definir papéis atribuídos às mulheres na sociedade a exemplo do medo da ‘masculinização’ dos corpos femininos em determinadas classes sociais. Entre avanços e retrocessos na educação das mulheres no Brasil, considerou-se a Travessia um avanço, um divisor de águas no sentido de visibilizar novos horizontes, superar estigmas, valores e papéis historicamente naturalizadas para a mulher, como corpo frágil, medrosa, ‘do lar’, passiva. A participação da mulher nesse evento em mar aberto, pôde contribuir para a resignificação desses papéis, ao ampliar suas potencialidades, seu lugar no mundo e, quiçá, para a construção de relações sociais mais igualitárias.

Palavras-chave: Natação para mulheres - Brasil - História. Natação em águas abertas - Bahia - História. Mulheres - Educação - Brasil - História. Imagem corporal em mulheres.

ABSTRACT

This research had the purpose of reconstructing, in the present day, one of the stories of women's participation in the Mar Grande - Salvador crossing, in order to establish relations between women's education and participation in this event. We investigated some of these crossings, highlighted in the 50's, and that still happen to this date. The women, considered as the "fragile sex", with "delicated bodies" at that time, took part in the event back there and still take part nowadays, even with the social and educational issues. This investigation justifies itself in the lack of studies about the relations between women and open sea crossings. We used the thematic oral history methodology (Thompson, 1992; Delgado, 2006) to elucidate and recover stories and memories of those involved in the crossing, and other documental sources. The production of the meanings was equally included, from the content analysis theoretic assumptions (Véron, 1980). The results tell that the participation in the event was and still is most of women from Salvador's elite class, mostly women of white skin. This participation remains reduced when compared to men's participation, as well as women from other social classes, still with resistance. Despite the resistance, women who dared defy and challenge themselves admit that taking part in the even was important in their general education, for bringing knowledge and overcoming their own limits, promoting selfsteem, respect to the other, living with difference, discipline, and new knowledges. Social, economical and educational issues still take a great role in defining women acting in society, as an example the fear of women's body masculinization in some social classes. Among advances and retractions of women's education in Brazil, we consider the crossing to be an advance, a game changer with the intent of new horizons, surpassing stigmas, values and roles historically associated to women, as fragile body, fearful, prone to domestic work, passive. Women participation in this open sea event has contributed to ressignification of these roles, by widening their power, their place in the world, and even the construction of more equal social relations.

Keywords: Swimming for women – Brasil – History. Open water swimming – Bahia – History. Women – Education - Brasil - History. Women body image.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Primeiro Regulamento da Travessia Mar Grande–Salvador (1955)	25
Figura 2	Mapa da Travessia Mar Grande–Salvador (1955)	26
Figura 3	Nota sobre a inscrição de Rita Ribeiro Nunes (1955).....	27
Figura 4	Angela Maria Carvalho (1956).....	32
Figura 5	Marlene Nascimento (1957).....	39
Figura 6	Angela Maria Carvalho (1957).....	40
Figura 7	Marília Barreiros (1957).....	41
Figura 8	Fernanda Silva Scher (2016).....	47
Figura 9	Desirée Dalia (2016).....	48

SUMÁRIO

	IMPLICAÇÕES TEMÁTICAS.....	11
1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A TRAVESSIA MAR GRANDE-SALVADOR: UMA DAS MAIS ANTIGAS PROVAS DO GÊNERO DO PAÍS.....	21
2.1	A PRESENÇA DO “BELO SEXO” NA TRAVESSIA MAR GRANDE-SALVADOR.....	23
3	A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DAS MULHERES NO BRASIL.....	51
3.1	DOS ANOS DOURADOS AO INÍCIO DO NOVO MILÊNIO: GESTANDO UMA NOVA MULHER.....	56
3.2	A HISTÓRIA DA NATAÇÃO FEMININA E A EDUCAÇÃO DAS MULHERES.....	62
4	APRENDENDO NO BALANÇO DAS ONDAS: O QUE O MAR NOS ENSINOU.....	72
4.1	ONDAS E CORRENTEZAS DA EXPERIÊNCIA.....	77
4.2	O QUE O MAR NOS ENSINOU.....	87
5	LUGAR DE MULHER É NO MAR ABERTO?	91
	REFERÊNCIAS.....	96
	ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PPGE	103
	ANEXO B – CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS	104

IMPLICAÇÕES TEMÁTICAS

A temática escolhida, nesse estudo, reflete a minha implicação com a nataçã, e o meu interesse sobre a educaçã das mulheres. Inquietando-me sobre a ausênca de sistematizaçã sobre a história da participaçã das mulheres na Travessia Mar Grande-Salvador, aventei a possibilidade de discutir sobre a relaçã entre educaçã das mulheres e a Travessia.

Cabe, nesse momento, falar um pouco da relaçã entre a nataçã e minha história pessoal e profissional, porque foi ela que me trouxe até aqui, e da minha afinidade com a relaçã gênero/educaçã.

A nataçã tem uma importânca especial na minha história de vida e caminhada profissional. Presente desde a infânca, quando iniciei as primeiras braçadas como aluna da escolinha de nataçã da Associação Atlética da Bahia, e ocupou espaço privilegiado nas minhas horas de lazer durante a juventude e adulez.

Esta vivênca encontrou ressonânca no meu primeiro estágio, quando ainda estudante do curso de Licenciatura Plena em Educaçã Física pela Universidade Católica do Salvador, fui contratada para dar aulas de nataçã. Minha caminhada profissional que se iniciou nas últimas décadas dos anos de 1980, percorreu diversos caminhos, mas, em todos eles, a nataçã sempre esteve presente, seja como atividade principal seja como atividade coadjuvante.

A experiênca com a nataçã tem abrangido o ensino nos diferentes níveis, ou seja, do aprendizado ao treinamento esportivo e, na formaçã docente. Como auxiliar técnica do late Clube da Bahia no início dos anos de 1990, tive a oportunidade de acompanhar atletas masculinos e femininos na Travessia Mar Grande-Salvador, experiênca impar que influenciou a escolha da temática dessa pesquisa.

O desejo de elaborar um trabalho no campo da história da nataçã surgiu desde o momento em que almejei cursar um programa de pós-graduaçã *stricto sensu*. Apesar de ser um dos primeiros esportes praticados em Salvador e, portanto,

parte da história do esporte, em nossa cidade, não possui nenhum registro historiográfico, sendo assim, reconstruir esta história tornou-se meu grande interesse.

Com este propósito, concorri para a vaga do mestrado em educação com um projeto que pretendia pesquisar a história da nataçãõ soteropolitana. Aceita no programa, continuei com esta intenção. Várias ideias foram surgindo, que sendo compartilhadas com os colegas e principalmente com a minha orientadora, resultou na escolha da História da Travessia Mar Grande-Salvador. Avançando no amadurecimento da temática, resolvemos falar sobre a história das mulheres que realizaram a travessia supracitada por identificarmos a necessidade de valorizar e dar visibilidade à participação feminina.

Escolher falar de mulheres resgata o meu posicionamento político em relação às questões de gênero, que afloraram desde a minha infância. Mesmo não sendo militante, sempre me coloquei em defesa dos direitos e das injustiças historicamente sofridas pelas mulheres. Por conseguinte desenvolver uma pesquisa sobre mulheres me proporciona imensa alegria por poder contribuir para visibilizar a história das mulheres num espaço hegemonicamente masculino, o esporte.

Por fim, sendo o Programa de Pós Graduação em Educação, aceitei o desafio de fazer uma interseção temática entre a história da mulher na Travessia Mar Grande-Salvador e a educação das mulheres.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como investigação uma das histórias e memórias das mulheres sobre suas participações na Travessia Mar-Grande Salvador, prova de natação em mar aberto, na perspectiva de revelar o que esta experiência representou para a sua educação.

A Prova Baía de Todos os Santos, como foi denominada no ato da sua criação, mas que ficou popularmente conhecida como Travessia Mar Grande-Salvador, é uma competição de natação em mar aberto, realizada na Baía de Todos os Santos¹ no estado da Bahia, com distância aproximada de 10km. A largada é realizada da praia do Duro, distrito de Mar Grande, município de Vera Cruz, localizado na ilha de Itaparica e chegada na praia do Porto da Barra, em Salvador. A prova completou em janeiro de 2016, a 52ª edição, sendo realizada desde 1955, com um interregno de dez anos (1970 a 1979).

A temática educação das mulheres tem revelado um campo vasto de investigação e discussão. Nesse estudo, aceitamos o desafio de trazer a Travessia Mar Grande-Salvador, como espaço possível para discutirmos a educação das mulheres. Falar da história das mulheres é tirá-las da invisibilidade, do esquecimento, do confinamento a que têm estado submetidas. É colocá-las à frente dos acontecimentos, portanto, construtoras de uma história. É contribuir para tornar pública a sua existência e participação nos diversos contextos sociais, dentre eles o esportivo, aqui representado pela natação em águas abertas.

A escolha do objeto justifica-se por reconhecer que estudos no campo da história oral/memória de mulheres são escassos e principalmente quando se trata de estudos no marco da história oral/memória que relacionam a educação das mulheres às práticas esportivas, nesse estudo, em mar aberto, e em espaços não formais de educação. Escolher a mulher como foco de interesse revela o desejo de dar voz à quem, historicamente, foi sublimada, silenciada e desvalorizada numa sociedade preponderantemente masculina e, o esporte, sendo um território de

¹ A Baía de Todos os Santos é uma reentrância da costa litorânea brasileira, localizada no estado da Bahia com uma área 1.233 km².

hegemonia masculina, carece de discussões do ponto de vista da educação das mulheres.

A ausência de historiografia sobre as práticas esportivas das mulheres em Salvador, também fazem deste estudo, um campo rico de investigação e, ao se tratar da Travessia Mar Grande-Salvador, reveste-se de relevância dada à importância do significado social e cultural dessa prova para a natação baiana, e por se configurar como uma das mais antigas competições do gênero no país. Sendo assim, reconstruir a história da participação das mulheres é de fundamental importância para a sistematização deste conhecimento.

A história da educação das mulheres, no Brasil, tem sido marcada por um longo processo de lutas contra as restrições que lhes foram impostas nos diferentes períodos históricos do país. Herdeira de uma educação medieval europeia, trazida pela corte portuguesa, a educação no Brasil se consolidou na estrutura patriarcal, onde o homem exercia pleno poder. Neste contexto, a educação das mulheres presava a subalternidade, a obediência e a submissão ao homem. A sua vida restrita ao ambiente doméstico, tinha no casamento, na maternidade e nas tarefas domésticas, o principal propósito. O conhecimento das letras era muito restrito na sua educação e, quando presente, limitava-se à mulher da elite.

Esse modelo, fortemente incorporado na cultura brasileira, permanece como uma marca na educação da mulher, mesmo quando os novos ares de modernidade bafejam sobre o Brasil do século XX, e as mulheres alargam seus espaços de sociabilidade, ganhando mais autonomia, e mais liberdade. No Brasil dos anos de 1950, características como a feminilidade, a delicadeza e a elegância, representavam o perfil de mulher para a época. Apesar da saída para o mercado do trabalho e das conquistas na educação formal, a maternidade, o casamento e a vida doméstica, permaneciam privilegiados.

Dentre as práticas sociais incorporadas pelas mulheres na década de 1950 destacam-se as atividades esportivas. O discurso higienista presente no projeto político do estado brasileiro, no início do século XX, preconizava uma educação que robustecesse a mulher, de maneira que gerasse filhos saudáveis e fortes para a pátria (GÓIS JUNIOR e SIMÕES, 2011). Isto favoreceu, nas décadas subsequentes, o acesso da mulher ao esporte, dentre eles a natação.

A participação das mulheres na natação competitiva, no Brasil, inicia nas primeiras décadas do século XX e, apesar das resistências sociais, era considerada como um dos esportes mais apropriados para a mulher por não masculinizar os seus corpos e por não comprometer a maternidade (DEVIDE, 2004).

A prática dessa modalidade se propaga ao longo das décadas iniciais do século XX, chegando aos anos 1950, como um dos esportes prediletos para as mulheres. Mourão (2000) aponta as Olimpíadas Femininas, realizados nos anos 50 no Rio de Janeiro, como o marco da democratização do esporte feminino naquela cidade. Nesse período, surgem em outras localidades do país, eventos esportivos femininos, incentivando a participação de mulheres no esporte (GOELLNER, 2005).

O acesso ao esporte marca um novo momento na história da educação da mulher, mesmo que, a princípio, lhe tenham sido reservadas atividades corporais que não comprometessem as características físicas e comportamentais socialmente esperadas, representou um avanço para a sua emancipação enquanto sujeito social.

A participação das mulheres na Travessia Mar Grande-Salvador inicia nos anos de 1950. O pioneirismo de algumas mulheres abriram caminhos e inspiraram outras a se lançarem a esse desafio, contrariando a educação secular de que para a mulher estava reservada a maternidade, o casamento e os cuidados para com a família, desconstruindo, assim, valores, atitudes, comportamentos, esperados para elas.

Ao se lançarem ao mar e percorrerem a distância que separa uma ilha do continente, afirmaram que o “Belo Sexo”² também incorpora atributos tipificados como masculinos como a coragem, a intrepidez, a força, a resistência, a determinação, o que indica uma possível mudança no seu processo educativo.

Seguindo esses passos iniciais, outras mulheres, ao longo dos 60 anos do início da participação das mulheres na Travessia Mar Grande-Salvador, lançaram-se nas águas azuis da Baía de Todos os Santos, demonstrando que para mulher não

² A expressão “Belo Sexo” aparece no jornal A Tarde citado nesse trabalho, quando se refere à participação feminina na Travessia Mar Grande-Salvador. Trouxemos para o texto na perspectiva de mostrar a representação social que a beleza, a graça, tinham para a sociedade da época.

há determinismos biológicos que lhe impossibilitem de realizar atividades profissionais, sociais ou esportivas, como a da Travessia.

A prática esportiva apresenta múltiplas possibilidades de aprendizado, sendo assim, podemos dizer que a Travessia Mar Grande-Salvador é uma experiência potencialmente educativa. Larrosa (2002) discute a possibilidade de se pensar a educação a partir da experiência, mas pensar a experiência a partir do par experiência/sentido, o que significa dizer que para ser educativa, a experiência precisa tocar a pessoa e, ao tocá-la, forma-a e transforma-a.

Sobre os saberes advindos da experiência, Macedo (2015) ressalta que a experiência não pode ser pensada apenas como resultado de processos cognitivos, de linguagem e de pensamento. Compreender que a experiência humana “[...] institui uma memória incorporada, ou seja, o corpo cria e, ao mesmo tempo é habitado pela experiência”, (MACEDO, 2015, p. 27), ou seja, é no corpo que se inscrevem as impressões, pensamentos, sentimentos, os sentidos do vivido.

Nesse sentido, a Travessia enquanto experiência educativa, oportuniza, aos seus participantes, a possibilidade de adquirirem saberes para a vida e para o convívio em sociedade. A respeito dessa formação em espaços não formais, Gohn (2006) se refere ao campo da educação não-formal, como “[...] aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via processos de compartilhamento de experiências [...]”. Da mesma forma, Gadotti (2005, p.3) entende que à educação não-formal refere-se “toda a sorte de aprendizagens para a vida, para a arte de bem viver e conviver” e que pode ser ofertada em múltiplos espaços.

Mediante essa caracterização, identificamos a Travessia Mar Grande-Salvador, no âmbito da educação não-formal, por inferirmos que a experiência vivida, reflete significativamente na formação, na vida, enfim, na educação das pessoas que dela participam. Essa inferência baseia-se em reconhecer que o sujeito, ao viver a experiência, se torna diferente, mediante si próprio e em relação ao mundo.

Frente às reflexões aqui expostas elaboramos a pergunta-síntese que norteia essa pesquisa: Considerando a história da participação das mulheres na Travessia

Mar Grande-Salvador, quais as relações que podemos estabelecer entre a educação das mulheres e a participação na prova?

A partir dessa questão traçamos o objetivo principal do estudo: Reconstruir, no tempo presente, uma das histórias da participação das mulheres na Travessia Mar Grande-Salvador, a fim de estabelecer relações entre a educação das mulheres e a participação na prova. De maneira a atender a este objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: reconstruir a história da Travessia Mar Grande-Salvador, a partir do marco inicial, das primeiras e da última participação das mulheres na prova; discutir as relações entre a história da educação das mulheres e a história da nataçã; analisar os sentidos e significados que a experiência da Travessia Mar Grande-Salvador trouxe para a educação das mulheres.

Objetivando responder à pergunta-síntese e atender aos objetivos, percorremos um caminho metodológico que se configurou em duas etapas principais: a construção do referencial teórico e a realização da pesquisa empírica.

Privilegiamos a utilização da metodologia da história oral, por reconhecer suas contribuições para estudos históricos do tempo presente. Além das fontes orais, recorreremos às fontes documentais, onde destacamos os periódicos da época. A combinação entre história oral e documental conferiu um maior rigor científico para a construção do conhecimento, enriquecendo a interpretação dos dados que foram analisados a partir dos pressupostos teóricos da análise do conteúdo.

Para Delgado (2006, p.16)

[...] a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento – o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido – o tempo presente.

Com o uso da história oral, buscamos também conhecer a história através de quem a fez. Thompson (1992) aponta que a história oral pode vir a ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Além disso, diz que a história oral, por dar voz aos atores que participaram do acontecimento, mas que não foram ouvidos, propicia uma reconstrução histórica mais imparcial, mais realista, o que confere à história oral um compromisso social.

Para Thomson (2001), a história oral é entendida como prática que recupera histórias desconhecidas e permite às pessoas fazerem suas próprias histórias. Em vista disso, espera-se que os depoentes reconstruam suas histórias, tornando-as visíveis, assumindo a importância que possuem para a história da participação das mulheres na Travessia e para a história da educação das mulheres.

Segundo Delgado (2006), história, tempo e memória são processos entrelaçados, elos inseparáveis. No entanto, a memória, não se resume ao ato de recordar, é construtora de identidades individuais e coletivas e oferece significados à nossa existência e experiências vividas, dando suporte para reconstruirmos o presente e construirmos o futuro.

Rememorar significa visitar o passado com o olhar do presente. Delgado (2006) aponta que, a memória possibilita viajar através do tempo. Em seguida, ela afirma que a memória é elemento que cria a condição para o auto-reconhecimento como pessoa e/ou membro de um grupo, como uma nação, como uma família, sendo assim, ao relembrar o passado, todos se encontram consigo mesmos. Corroborando com Delgado, Rousso (2001, p.94), diz que ela é “um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” além de ser,

[...] uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.

Desta forma, ao relatar as suas memórias, os depoentes resgatam a si num tempo passado, buscando colher as reminiscências que os ligam ao fenômeno. Porém ao lembrarem, falam de um lugar diferente, o que sugere que “[...] falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que pretende recuperar com sinceridade e veracidade” (ROUSSO, 2001, p.98). Assim, ao nos apropriarmos da memória dos depoentes, conheceremos suas histórias, que ao emergirem são ressignificadas pelo presente.

Alberti (2005, p.155), se refere à metodologia da história oral como aquela que “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”. A

entrevista é o instrumento utilizado pela história oral para colher informações, registrar experiências e testemunhos, fornecer versões e interpretações do fato a ser pesquisado, construir fontes, recuperar memórias dentre outros.

Devido à natureza deste estudo, optamos pela entrevista temática, por se referir a experiências vividas ou testemunhadas pelos entrevistados (DELGADO, 2006). Para o processo de preparação, realização e transcrição das entrevistas, utilizamos as orientações de Delgado (2006) e Meihy (2005), de modo a desenvolver uma metodologia que atendesse as necessidades da pesquisa.

Seguindo a orientação de Delgado (2006) e Meyhy (2005), estabelecemos os critérios de seleção para os entrevistados. A escolha dos depoentes, segundo Meyhy (2005), deve ser baseada no papel social do colaborador para a pesquisa, ou seja, devem-se evitar depoimentos que não sejam essenciais para a pesquisa. Levando-se em conta essa observação, escolhemos quatro mulheres, tendo-se como critério a participação na segunda, terceira e última Travessia. Fizeram parte também do estudo, dois colaboradores, por terem participado da estrutura e organização da Travessia ao longo dos anos.

A observação de Delgado (2006), quanto a entrevistar primeiramente aqueles depoentes mais idosos e com maior relevância no processo a ser investigado, não foi atendida pela dificuldade de encontrar uma das colaboradoras e pela rotina intensa de viagens e compromissos de outra depoente. Outro elemento importante, considerado por Delgado (2006), diz respeito ao número de entrevistados, que, segundo ela, deve ser suficiente para fornecer elementos importantes para a pesquisa. Além da observação desse critério, levamos também em conta o tempo limitado que tínhamos para o trabalho de campo, e tudo o que dele decorre, como as transcrições e análises.

Os colaboradores foram contatados e convidados a participar da pesquisa, escolhendo o dia, o horário e o lugar que fosse mais conveniente para o encontro. Foi elaborado um roteiro de entrevista comum para o grupo de mulheres, considerando especificidade que cada entrevistada apresentava, e outro roteiro para o grupo dos entrevistados. Em ambos os casos, utilizamos a entrevista semiestruturada. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas e analisadas. Na transcrição, optamos em preservar a fala original dos depoentes.

Nos encontros com os entrevistados apresentamos a carta de apresentação cedida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e o formulário de cessão de direitos retirado de Alberti (2005), que prontamente foi aceito e assinado.

Escolhemos a Análise de Conteúdo proposta por Véron (1980) para analisar e interpretar os dados qualitativos colhidos no trabalho de campo. Esse autor considera que toda a produção do sentido depende do social, para ele “[...] é impossível conceber qualquer fenômeno de sentido à margem do trabalho significativo de uma cultura [...]” (VERÓN, 1980, p.173). Isso leva a considerar o contexto histórico, social, e cultural em que o fenômeno é produzido, como importante para a compreensão do significado da linguagem.

Sendo assim, o discurso produzido socialmente está impregnado de crenças, valores, opiniões, do contexto em que foi produzido, que são identificados por traços e simbologias, que o denunciam. Dessa forma, ao analisarmos um texto, uma narrativa, precisamos ler na perspectiva de relacionar o produto à produção, pois “Não há, por conseguinte, nem pode haver, análise de um texto ‘em si mesmo’” (VERÓN, 1980, p.205).

Nas nossas análises buscamos ficar atentos ao contexto em que as narrativas foram produzidas, assim como os traços e simbologias que emergiam da fala, dos gestos, dos risos e silenciamentos dos nossos depoentes.

Considerando o exposto, apresentamos nossa proposta para as seções seguintes desta dissertação: No segundo capítulo, tratamos da história da Travessia, onde reconstruímos o marco inicial da prova ocorrido em 1955, as primeiras participações femininas, realizadas em 1956 e 1957, e a última edição ocorrida em 2016; no terceiro capítulo, discutimos a história da educação das mulheres e da natação feminina no Brasil; no quarto apresentamos as depoentes, suas narrativas sobre a experiência da participação na Travessia Mar Grande-Salvador, e as análises; no quinto encerramos o trabalho com as considerações finais.

2 A TRAVESSIA MAR GRANDE - SALVADOR UMA DAS MAIS ANTIGA PROVAS DO GÊNERO DO PAÍS

Neste capítulo, pretendemos reconstruir uma parte da história da Travessia Mar Grande-Salvador. Consideramos importante iniciar com os aspectos geográficos e históricos das localidades envolvidas na Travessia. Em seguida, apresentamos um panorama sobre relações históricas e culturais da Travessia com o universo das mulheres nesta prova, destacando alguns momentos e experiências. Compreendemos que este mergulho em histórias de mulheres oportuniza a aproximação dos tempos históricos e de aspectos culturais envolvidos nesta articulação. Ao contarmos algumas histórias, privilegiamos as três primeiras e a última edição da prova. Nos apoiamos em sites, em matérias publicadas nos periódicos *on line*, dialogamos com o universo histórico descrito em inúmeras edições do jornal A Tarde, nos anos de 1954 à 1957, pelo jornal Diário da Bahia (1923), e com estudos dos autores que tratam desses tempos históricos.

A Travessia Mar Grande-Salvador é uma competição de natação criada em 1955, cujo percurso tem 9.250m em linha reta. Tem a peculiaridade de iniciar na ilha de Itaparica, atravessar a Baía de Todos os Santos e terminar em Salvador, capital da Bahia.

A ilha de Itaparica, que na língua tupi significa *cerca de pedra* por causa dos arrecifes que contornam toda a costa da ilha, foi descoberta em 1501, por Américo Vespúcio (PREFEITURA DE ITAPARICA, 2013). Os índios Tupinambás foram os primeiros habitantes da ilha. Em 1560, é fundado pelos jesuítas o primeiro núcleo de povoamento, sendo batizada Vila do Senhor da Vera Cruz. No meado do século XVIII, era a maior ilha da colônia e por este motivo foi incorporada a Coroa Portuguesa (IBGE CIDADES VERACRUZ, 2016).

A ilha foi emancipada de Salvador em 1833, e elevada à categoria de cidade em 1962. Posteriormente foi desmembrada em dois municípios: Itaparica e Vera Cruz, possuindo quatro distritos: Mar Grande, Jiribatuba, Barra do Gil e Cacha Pregos (IBGE CIDADES VERA CRUZ, 2016).

Desde a sua criação, a prova Baía de Todos os Santos ou Travessia Mar Grande–Salvador, como ficou conhecida, tem a sua largada na praia do Duro, distrito de Mar Grande, município de Vera Cruz. Pertencente à Região Metropolitana de Salvador, o município de Vera Cruz possui, em 2016, atualmente uma população estimada de 43.162 hab. (IBGE CIDADES VERA CRUZ, 2016).

A Baía de Todos os Santos, local onde acontece a Travessia, é uma grande baía, localizada nas bordas da cidade de Salvador, com uma área de 1.233 km², o que a coloca como a segunda maior do Brasil. Na maior parte de sua extensão é rasa, com profundidade média de 6m e máxima de 70m. Foi descoberta pelos portugueses, em 01 de novembro de 1501, que a nominaram de Todos os Santos em homenagem ao dia católico, era chamada pelos índios tupinambás de *Kirimurê*, que significa “grande mar interior”. A Baía de Todos os Santos possui um enorme valor histórico, econômico e cultural (HATJE; ANDRADE, 2009).

Salvador, ponto de chegada da prova, é a primeira capital do Brasil e do atual estado da Bahia. Foi fundada em 1549 por Thomé de Souza, com o nome de São Salvador da Bahia de Todos os Santos.

Com mais de 500 anos de história, é o maior município da Região Metropolitana de Salvador, com uma população estimada de 2,938 milhões de habitantes (IBGE CIDADES SALVADOR, 2016). Instalada a partir de seu litoral, apresenta uma região mais baixa conhecida como Cidade Baixa e outra mais alta, a Cidade Alta.

O seu vasto litoral conta com mais de 50 km de praia, dentre elas, a do Porto da Barra, de águas calmas e límpidas (BAHIA, 2017). Localizada na entrada da Baía de Todos os Santos, possui, além da beleza, um enorme valor histórico, porque foi lá que aportou, em 1549, o primeiro governador geral do Brasil e fundador da cidade, Thomé de Souza.

Essa geografia e valor histórico conferem à Travessia Mar Grande-Salvador um encanto especial, e há mais de 60 anos tem sido palco de muitas experiências e histórias.

2.1 A PRESENÇA DO “BELO SEXO” NA TRAVESSIA MAR GRANDE– SALVADOR

A Travessia surge numa década em que a expansão do capitalismo brasileiro chega à Bahia, provocando profundas modificações socioeconômicas. Segundo Risério (2004), com a descoberta do petróleo na Bahia, e instalação da refinaria Landolfo Alves, em Mataripe, Salvador iniciou durante a década de 1950, sua revolução industrial, tornando-se um polo de investimento patrocinado pelo governo e empresários.

Com o desenvolvimento dos setores industriais e terciários, uma nova dinâmica instala-se na cidade, provocando um novo modelo de urbanidade e atualizando o modo de ser baiano frente aos ares de modernidade, que chegavam à capital (RISÉRIO, 2004). Foi um período de transformações na cidade, dos seus espaços esportivos e de lazer, desenhando mudanças no estilo de vida da população.

No início dos anos de 1950, o esporte já era uma atividade consolidada, mas a cidade ainda carecia de espaços para a sua prática. Exemplo disso é a natação, que na época era praticada prioritariamente no mar. Havia apenas duas piscinas da cidade: a do Instituto Normal da Bahia, construída no período de 1936 a 1939 (AZEVEDO, 2007), e a do Yacht Clube da Bahia, inaugurada em 1938 (MAIA, 1995). Sendo espaços restritos para uma reduzida parte da população, as pessoas tinham o mar como único espaço para a prática da natação.

As poucas piscinas, associadas a um litoral de enseadas propícias para a prática da natação, favoreceram enormemente a cultura de se nadar no mar. O Porto dos Tanheiros e o da Barra figuram entre os primeiros locais utilizados para competições de natação. Sendo os espaços com piscina reservados para uma pequena parcela da população, a natação no mar continuou a ser uma prática comum nos anos de 1950.

Nadar em trajetos maiores era usual pelos adeptos ao esporte. Em A Tarde (1955, n.14.379, p. 5), época em que as notícias sobre a organização da primeira Travessia eram divulgadas quase que diariamente, um leitor escreve para o referido jornal, informando que, no ano de 1930, “[...] houve uma corrida entre Monte Serrat e Porto da Barra, numa distância de cinco mil metros aproximadamente”.

Percebe-se que Salvador tinha uma vocação natural para a natação no mar, o que, provavelmente, ensinou o aprendiz de eletricitista Hylberto Ferreira, que tinha por hábito nadar diariamente do Rio Vermelho à Barra, a procurar o jornal A Tarde a fim de que esse periódico anunciasse a sua intenção de realizar, a nado, a travessia da Baía de Todos os Santos.

Para tornar o intento mais interessante, desafiava qualquer nadador que tivesse o interesse de realizar a proeza, ficando a cargo deste, marcar dia e horário (A TARDE, 1954, n.14.358, p.5). É dessa forma que surgiu a Prova Baía de Todos os Santos, como foi denominada a competição, posteriormente conhecida como Travessia Mar Grande-Salvador.

O desafio rapidamente teve repercussão e 14 dias depois, o primeiro concorrente apareceu na redação da A Tarde, topando a peleja. Como o interesse em realizar a travessia foi grande, achou-se por bem aguardar mais inscritos ao tempo em que o referido jornal, juntamente com outros interessados pela realização do evento, ganhavam tempo para organizá-lo.

O jornalista Genésio Ramos é considerado o criador da Travessia Mar Grande-Salvador. O jornal A Tarde, desde a primeira Travessia, participou ativamente da organização e divulgação do evento e juntamente com a FBN³, na figura do então presidente, Carlos Catarino e de sua diretoria, realizaram uma parceria que resultou, segundo o referido jornal, no sucesso da competição. O jornal, ao promover a prova, almejava promover a prática sadia do amadorismo (A TARDE, 1955, n.14.379, p. 5). Em 27 de janeiro, A Tarde (1955, n.14.381, p.8) divulgou o regulamento da Prova Baía de Todos os Santos, o qual em 27 artigos determinava as orientações necessárias para o êxito da prova (Figura 1), e o gráfico do percurso da travessia, elaborado pela Marinha, indicando os locais de saída, chegada e a extensão da prova de 5 milhas marítimas ou 9250 metros (Figura 2).

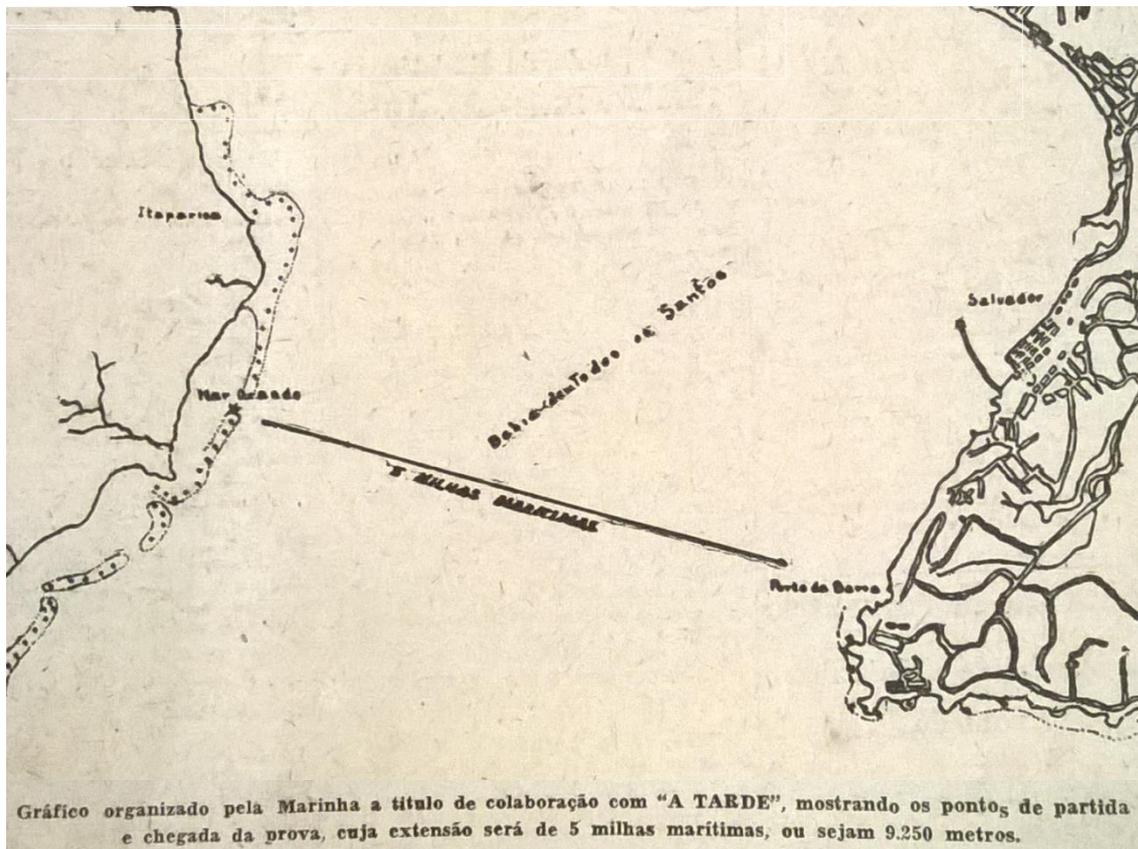
³ Federação Baiana de Natação.

Figura 1: Primeiro Regulamento da Travessia Mar Grande-Salvador (1955)

O REGULAMENTO DA PROVA	
<p>Publicamos, a seguir, o regulamento aprovado e que contém as normas para a realização da grande prova. Elaborado pelo eng. Orlando Dória Reis, diretor da Federação Bahiana de Natação, esse regulamento foi examinado, inclusive, pelo presidente da referida Federação, sr. Carlos Catarino, por autoridades navais e pelo representante d' "A Tarde" na comissão diretora. Eis o regulamento:</p>	<p>Art. 10.º — Das comissões encarregadas de setores da organização farão parte, mediante convite, o Presidente da Federação dos Clubes de Regatas da Bahia, Comodoros do Iate Clube da Bahia, Iate Clube de Itaparica e Clube de Iates Itapagipe, dirigentes de entidades náuticas e esportistas que a Comissão Diretora escolher.</p>
<p>Art. 1.º — Promovida por "A Tarde", com a colaboração da Federação Bahiana de Natação e sob os auspícios da Marinha de Guerra do Brasil, será realizada anualmente, no mês de janeiro, entre a Ilha de Itaparica, em Mar Grande, e a Cidade do Salvador,</p>	<p>Art. 11 — A Direção d' "A Tarde" porá à disposição da Comissão Diretora um dos seus redatores, para desempenhar as funções de secretário-geral.</p>
<p>a competição a nado denominada "Prova Bala de Todos os Santos".</p>	<p>Art. 12 — A Comissão Diretora cercará os nadadores das devidas garantias durante a realização da prova, não lhe cabendo, entretanto, nem à "A Tarde", qualquer responsabilidade civil ou criminal por quaisquer danos que aos mesmos possam atingir, no curso da competição.</p>
<p>Art. 2.º — A prova terá início em qualquer ponto, a ser previamente determinado, da costa da Ilha de Itaparica, na localidade de Mar Grande, e término em qualquer ponto compreendido entre a praia das Pedreiras e a praia do Pôrto da Barra, na Cidade do Salvador, podendo também, respeitadas as condições de vento e maré, ou razão outra conveniente, ser realizada em sentido oposto.</p>	<p>Parágrafo único — Os candidatos, no ato da inscrição, assinarão um termo, manifestando-se de acordo com a cláusula acima.</p>
<p>Art. 3.º — Poderão concorrer à prova nadadores de ambos os sexos, com a idade mínima de dezoito anos.</p>	<p>Art. 13 — A Comissão Diretora providenciará para que os nadadores revistam o corpo de substâncias necessárias à sua proteção n'água, permitindo o uso de óculos apropriados.</p>
<p>Art. 4.º — A inscrição será livre, não havendo requisitos de raça, cor, condição social, nem necessitando qualquer vínculo a clube ou entidade esportivos.</p>	<p>Art. 14 — Sempre que possível, a Comissão Diretora diligenciará para que cada nadador tenha a seu lado um barco destinado à sua proteção, alimentação e socorro, caso necessite.</p>
<p>Art. 5.º — A inscrição será feita na redação d' "A Tarde" e para que ela se torne efetiva será necessário que o nadador seja julgado, por uma junta médica, especialmente designada, em condições físicas satisfatórias para concorrer à prova.</p>	<p>Art. 15 — Cada nadador poderá dispor, ao seu arbítrio, de um guia acompanhante, o qual permanecerá na embarcação destinada a dar-lhe proteção.</p>
<p>Art. 6.º — A inscrição será encerrada quatro dias antes da realização da prova, sendo publicada previamente a relação dos nadadores inscritos e julgados aptos pela junta médica.</p>	<p>Art. 16 — Dentre os barcos que atenderem à solicitação dos organizadores da prova, poderão figurar os de vela, motor e remo, os quais deverão procurar evitar revolver a água de modo a prejudicar a corrida do nadador.</p>
<p>Art. 7.º — A junta médica será designada pela Comissão Diretora da prova e será composta de, pelo menos, cinco médicos especializados, dentre os que abnegadamente se vêm dedicando nesta Capital.</p>	<p>Art. 17 — Em cada barco acompanhante haverá uma bandeira com o número de inscrição do nadador, para fácil identificação.</p>
<p>Art. 8.º — A Comissão Diretora se constituirá do Capitão dos Portos ou seu representante, do Presidente da Federação Bahiana de Natação e de um representante d' "A Tarde".</p>	<p>Art. 18 — A junta médica acompanhará a prova, a fim de prestar imediato socorro a quem dele necessite.</p>
<p>Art. 9.º — Cabe à Comissão Diretora tomar todas as providências concernentes à realização da prova, designando tantas comissões quantas se tornem necessárias.</p>	<p>Art. 19 — A lancha destinada aos médicos deverá dispor de acomodações e material necessários para a indispensável assistência e socorro aos concorrentes.</p>
	<p>Art. 20 — A fim de indicar o itinerário, irá à frente dos nadadores uma lancha, dotada da necessária identificação.</p>
	<p>Art. 21 — Fica instituída uma taça com a designação da prova, sendo nela gravada, cada ano, o nome do seu vencedor e a data da sua realização.</p>
	<p>Art. 22 — Serão distribuídas medalhas aos dez primeiros nadadores que atingirem o ponto de chegada, sem qualquer interrupção durante o percurso, e ainda diploma a todos os demais que completarem a travessia.</p>
	<p>Art. 23 — A Comissão Diretora aceitará ofertas de outros prêmios destinados aos concorrentes, os quais distribuirá segundo o critério que estabelecer.</p>
	<p>Art. 24 — A Comissão Diretora poderá fixar o número de nadadores a serem admitidos à prova atendendo às condições de proteção ao nadador e à</p>
	<p>disponibilidade de barcos acompanhantes.</p>
	<p>Art. 25 — Uma hora após a chegada do vencedor, a Comissão Diretora fará suspender a prova para todos aqueles concorrentes que ainda não tenham completado o percurso.</p>
	<p>Art. 26 — Tendo em vista a segurança do nadador, a Comissão Diretora, ou a autoridade que ela designe, poderá interromper a corrida do nadador que se afaste excessivamente da área sob vigilância, ou quando as circunstâncias aconselharem, em razão de</p>
	<p>qualquer ocorrência, a realização da prova.</p>
	<p>Art. 27 — Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Diretora.</p>

Fonte: Jornal A TARDE (1955)

Figura 2: Mapa da Travessia Mar Grande – Salvador (1955)



Fonte: Jornal A TARDE (1955)

O percurso foi medido em 14 de janeiro pelo médico e desportista Stanchy Correia, que, estando veraneando em Mar Grande, se ofereceu para medir a distância, utilizando para fazer o trajeto uma lancha de carreira (A TARDE, 1955, n.14.382, p. 5). Para a classificação era necessário chegar a qualquer ponto entre a Praia das Pedreiras⁴ e a praia do Porto da Barra até 1h após a chegada do primeiro nadador (art. 25 do regulamento).

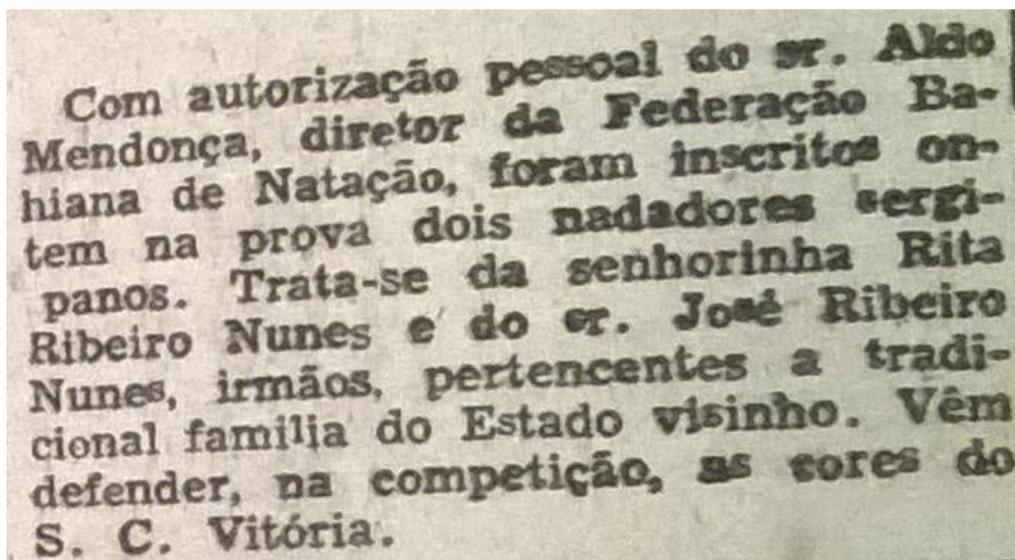
Durante todo o mês de janeiro, o jornal A Tarde trazia notícias sobre o evento esportivo que se realizaria no dia 30 do mesmo mês. As notícias versavam sobre o número de inscritos, sobre premiações, desafiantes da prova, além de enaltecer a inédita prova náutica. É interessante a cobertura do jornal, que publicava diariamente, não só a quantidade de inscritos mas também suas profissões, fotos e

⁴ Também chamada Praia da Preguiça está localizada no final da Avenida Contorno.

peculiaridades dos seus participantes. A idade mínima para participar da prova era 18 anos.

Dentre os inscritos, houve apenas uma mulher. Com o título “Uma representante do belo sexo”, o jornal A Tarde (1955, n. 14.376, p. 5) anunciava a inscrição da nadadora sergipana, Rita Ribeiro Nunes, que, juntamente ao irmão iria defender as cores do S. C. Vitória na competição (Figura 3). Essa foi a única menção feita à nadadora. Nas listas do resultado do exame médico e dos selecionados para a competição, divulgadas pelo jornal A Tarde em matérias posteriores, o seu nome não aparece, o que nos deixa sem saber quais os motivos da sua não participação.

Figura 3: Nota sobre a inscrição de Rita Ribeiro Nunes



Fonte: Jornal A TARDE (1955)

Com a frase, “Está empolgando a cidade a próxima competição náutica, que será realizada dentro de alguns dias, entre a cidade e a pitoresca ilha de Mar Grande e para a qual estão se preparando inúmeros nadadores” o jornal A Tarde (1955, n. 14.373, p.8), discorria com grande animação sobre o intento até então inédito; a travessia a nado de Mar Grande para Salvador.

Havia uma movimentação geral na cidade por parte de comerciantes, clubes e desportistas, para angariar a premiação para aqueles que se aventuravam a realizar tão grande proeza, sendo ofertado inclusive, uma medalha de ouro para o vencedor pelo desportista e ex-presidente da FBDT⁵, o senhor Raimundo Correia.

A mobilização da sociedade não se limitava apenas a Salvador, havia também um envolvimento da população da ilha de Itaparica e dos veranistas, fato relatado por Dr. Astor Baleeiro, responsável pela comissão de hospedagem. “Os veranistas e moradores de Mar Grande estão organizando grandes festas para a chegada dos nadadores” disse o médico, referindo-se à véspera da competição, quando haveria a necessidade de que os nadadores, equipes de arbitragem e outros envolvidos no evento, pernoitassem na ilha a fim de amanhecerem no local de saída da prova (A TARDE, 1955, n. 14383, p. 5).

Relativo ao acompanhamento dos nadadores durante o percurso, o jornal A Tarde informava que, além das 80 embarcações que iriam prestigiar os concorrentes acompanhando-os por vários quilômetros, haveria as lanchas dos juízes, dos médicos e demais assistentes da competição. Sobre este aspecto, a comissão organizadora solicitou a colaboração dos proprietários de barcos a motor, a remo ou à vela da capital e de Itaparica, já que compreendiam ser um aspecto importante para o êxito da competição.

A prova foi realizada sob os auspícios da Marinha de Guerra em homenagem a esta corporação bem como à atenção dispensada por esta entidade à organização da prova. Havia uma preocupação com a segurança dos nadadores, por isso a compreensão da necessidade de cada nadador ser acompanhado por um barco (A TARDE, 1955, n. 14382, p.5).

A expectativa da prova era muito grande. Para agradecer o êxito, pessoas físicas, geralmente, desportistas, empresas, clubes e estabelecimentos comerciais divulgavam nos jornais os prêmios que iriam oferecer. A Empresa Fratelli Vita Indústria e Comércio S/A e as Casas Florensilva foram patrocinadores do evento. O envolvimento da sociedade soteropolitana era expresso na quantidade de prêmios

⁵ Federação Baiana de Desportos Terrestres.

oferecidos, observando-se mais o simbolismo da premiação do que o seu valor material.

Medalha de prata banhada a ouro e cinco mil cruzeiros para o vencedor, liquidificador Wallita tipo *standart*, toca disco *electron*, terno completo extra Imperial, camisa esporte de linho, par de sapatos, medalha de prata, ventilador, 10 latas de Ovomaltine, foram alguns dos prêmios oferecidos aos nadadores. Vale destacar que, numa taça com o nome da A Tarde, seria gravado anualmente o nome do vencedor da prova e a data da sua realização, ficando guardada na redação do referido periódico.

Diferentemente dos anos seguintes, na primeira edição da Travessia, não houve prova eliminatória. Assegurar a participação dependia apenas da liberação médica, composta por profissionais de relevo da medicina baiana, tais como: Renato Teixeira, Menandro Faria, Stanchy Correia, Eduardo Bahiana, Edgard Teixeira, José Figueiredo e Heitor do Passo Cunha. .

Em 30 de janeiro de 1955, com largada da praia do Duro, em Mar Grande, ilha de Itaparica, às 7h, deu-se início a primeira Travessia Mar Grande-Salvador. Nesta edição, dos 73 inscritos, houve 15 desistências, dentre elas a do desafiante da prova, que, após nadar mais de duas horas, desistiu e subiu no barco (A TARDE, 1955, n. 14.384, p. 2). Ao final, apenas cinco nadadores foram classificados: José Sales Liberato de Matos⁶, Carlos Herberto Kelsch, Osmar dos Santos Bahia, Arlindo Guimarães e Anivaldo Albuquerque.

Podemos observar, nesta primeira edição, que o nível dos nadadores da prova, refletia mais o desejo de participar do grande evento e a ilusão de conseguir sair da ilha e chegar ao continente, mesmo sem ter condições para isso, do que o de competir. Palavras como arrojo, coragem, fibra, vigor, heróis, eram utilizadas constantemente nas matérias do jornal A Tarde, o que criava uma qualidade quase heroica para aqueles que se lançavam a fazer a Travessia, o que, de certa forma, estimulou a participação.

⁶ Vencedor da primeira Travessia Mar Grande-Salvador.

Para coroar o sucesso da competição, foi organizada uma solenidade para a entrega da premiação. Em 03 de fevereiro, às 20h e 30min, ao som da banda do Corpo de Bombeiros, a premiação foi entregue aos pés do monumento histórico da independência no Campo Grande, local propositadamente escolhido para enaltecer a bravura dos nadadores. A cerimônia contou com a participação de representantes de A Tarde, do presidente da FBN, o representante do comandante Adalberto Nunes, da Miss Brasil, Marta Rocha e todos os ofertantes de prêmios.

As festividades comemorativas ao feito continuaram durante os dias que o sucederam, quando agremiações, particulares e personalidades, ofereceram homenagens aos “heróis”. Na Ilha de Itaparica, veranistas e moradores de Mar Grande também promoveram uma grande festa para receberem os nadadores e já cogitavam a organização da 2ª Travessia para que tivessem um brilho maior que a primeira (A TARDE, 1955, n. 14.385, p. 2).

Identificados como heróis, os nadadores se tornaram símbolo de civismo e esportividade, “[...] ou seja, a prática do esporte pelo esporte” (A TARDE, 1955, n. 14387, p.5). “Entre nós, o esporte, conquanto ainda ninguém se lembrasse erigir-lhe um monumento, representa uma boa contribuição à eugenia da raça [...]”. Revela o texto, a relação entre esporte e eugenia, visão muito defendida por simpatizantes e defensores da Educação Física e do esporte como o higienista Fernando de Azevedo nas primeiras décadas do século XX.

Tal ideia foi disseminada no período Varguista, a fim de formar uma juventude brasileira forte, saudável e com ideais patrióticos, nos moldes das organizações similares então existentes nos países fascistas. Vale lembrar que Getúlio Vargas morreu no ano em que a primeira Travessia Mar Grande-Salvador foi criada. Ele cometeu suicídio em seus aposentos no Palácio do Catete, Rio de Janeiro, em 24 de agosto de 1954, portanto, o Brasil ainda vivia um momento de valorização da prática esportiva numa perspectiva militarizante e eugênica.

A semente estava plantada, a primeira Travessia Mar Grande-Salvador que, segundo informações prestadas pelo oficial da Reserva Naval, Papyrio Brasil, ao jornal A Tarde (1955, n. 14.383, p.5), era considerada na época a maior prova brasileira, figurando entre as maiores do mundo, informação essa colhida de publicações oficiais.

A segunda Travessia da Baía de Todos os Santos aconteceu em 22 de janeiro de 1956 com o mesmo entusiasmo e sucesso da primeira. A Tarde (1955, n. 14.386, p.5) afirmava que, sem dúvida alguma, era a maior atração do esporte em nossa cidade. A partir do mês de outubro, encontramos os primeiros noticiários sobre a escolha da comissão organizadora e inscrição dos nadadores. Havia o desejo de suplantar em organização e nível técnico a primeira Travessia.

A expectativa era de que a Travessia de 1956 ultrapassasse o sucesso da primeira edição, prevendo-se a participação de 100 nadadores. Nas suas chamadas frequentes, o jornal convidava os desportistas da natação que estavam interessados em colaborar com a organização do evento, além de confirmar a permanência da colaboração da Federação Baiana de Natação e apoio da Marinha de Guerra do Brasil (A TARDE, 1955, n; 14.382, p.5).

Com o título “Uma Mulher na Prova de Natação Mar Grande-Salvador”, o jornal A Tarde anunciava a 94ª inscrição, a de Angela Maria Carvalho (Figura 4), nadadora de 18 anos. O jornal A Tarde (1956, n. 14668, p.2) frisava: “A mulher bahiana estará representada na segunda Travessia Baía de Todos os Santos, através da mocidade e da beleza de Angela Maria”.

Observamos na referência feita à nadadora, que há uma exaltação às qualidades que representam a mulher do período, ou seja, enaltecem as formas, a beleza, a elegância. A imagem que representa a nadadora é bem significativa nesse sentido.

Na matéria, informava também a passagem da nadadora pelo Clube de Regatas Flamengo, quando foi campeã juvenil, destacando-se naquele ano na última Volta da Península, em Salvador, com percurso aproximado em 5km. Segundo o jornal, a atleta, relatou que nutria o desejo de completar o percurso, e que estava treinando com muita disposição e método para atingir o seu objetivo,.

A participação da nadadora constituía uma atração para a segunda competição Mar Grande-Salvador por ser “a primeira moça a tentar tal façanha. Possuindo muita fibra e sobretudo classe” (A TARDE, 1956, n.14669, p.2), sendo também apontada como um dos grandes valores da natação baiana.

Figura 4: Imagem Angela Maria Carvalho (1956)



Fonte: Jornal A TARDE (1956)

Seguindo o curso natural dos andamentos para a prova, as inscrições foram abertas a partir de 24 de novembro com prazo de encerramento para 15 dias antes da data da competição. Os preparativos relativos a regulamento, estudos da maré, dentre outros, iniciavam-se com antecedência, de maneira a organizar a competição com toda a estrutura possível. Afinal, tratava-se de uma prova clássica, anual, que tinha a pretensão de tornar-se parte da cultura esportiva baiana.

Nesta edição, semelhante à primeira, as premiações foram ofertadas por várias entidades, empresas e desportistas, que viam na prova um grande evento, portanto merecendo de incentivo. O jornal A Tarde comprometia-se em premiar com medalhas os 10 primeiros colocados e, oferecer medalha de ouro ao campeão além

de gravar seu nome na “Taça Clássica” que ficava de posse do jornal (A TARDE, 1955, n. 14.388).

Lojas Duas Américas, Bahia Turismo S/A, Reformadora de Pneus American, S/A Inpertam, Chapelandia, O Adamastor, Savant Milisan, Associação Bahiana dos Cronistas Desportivos, Transportadora RA, Clube Bahiano de Tênis, Cantinho da Música, eram algumas dessas empresas. Como naquele ano havia pela primeira vez uma concorrente feminina, eram oferecidos produtos específicos para a única nadadora da prova, como por exemplo, a linha completa de beleza dos produtos Max Factor-Hollywood.

Na Travessia de 1956, foi estabelecido que 10 dias antes da competição, haveria uma prova eliminatória só para os atletas locais. Vindo a ser uma prova de âmbito nacional, já que era esperada a participação de nadadores de outros estados e, com o aumento do número de inscritos, a comissão organizadora lançava mão da eliminatória, a fim de poder dar uma melhor assistência aos participantes (A TARDE, 1955). Afinal, esperava-se “[...] a participação de azes da aquática brasileira [...]” (A TARDE, 1955, n.14632, p. 5). Outro motivo era a quantidade de nadadores que, na primeira edição, desistiram da prova demonstrando baixo nível técnico e, “por incrível que possa parecer tentaram atravessar a massa líquida que separa Mar Grande desta Capital nadando ‘o engraçado e precaríssimo cachorrinho”. (A TARDE, 1956, n.14671, p.5)

A prova eliminatória foi realizada no dia 15 de janeiro, às 10h 15min, com concentração na Escola de Aprendizes de Marinheiro. O percurso compreendeu do Quebra Mar em frente à Marinha até o Porto da Barra. Apesar de 90 nadadores inscritos, apenas 21 foram classificados. Ficaram isentos da prova os cinco classificados na primeira Travessia Mar Grande-Salvador, atletas de outros estados e Angela Maria, única mulher inscrita.

Considerada uma prova com grande aceitação em várias camadas sociais a Travessia Mar Grande-Salvador angariava simpatia e, por ser uma prova em águas abertas, possibilitava a participação de nadadores, nem sempre tão bem preparados para tal empreendimento. Na relação dos quase 100 inscritos da segunda edição, quase cem por cento eram homens jovens, de 18 e 19 anos, solteiros e, com as

mais diversas ocupações. Angela Maria, única mulher tinha 18 anos e era estudante.

Eram esperados nadadores de Pernambuco, Distrito Federal, São Paulo, Espírito Santo, Alagoas, Sergipe (A TARDE, 1955, n. 14.632, p. 5). Dentre os locais, alguns já haviam participado da primeira Travessia, e retornavam com o desejo de atravessar a baía ou obter classificação.

Apesar da expectativa de que nadadores de outros estados participariam da competição, não havia sido inscrita nenhuma outra mulher além de Angela Maria Carvalho. Considerada uma atração singular, no dia anterior da prova, o jornal enaltecia a sua participação:

A coragem e o desprendimento desta moça de 18 anos, merecem sem dúvida alguma, as atenções do público esportivo da Bahia, não só pela sua condição de mulher como também pelo fato que ela nadará todo o “percurso de prova em nado de costas”, reconhecidamente, em estilo de difícil aplicação em mar batido. (A TARDE, 1956, n. 14676, p.5)

Na véspera da prova, os nadadores partiram para Mar Grande e, diferentemente do ano anterior, ficaram hospedados no Hotel Deuaxille, onde ficariam submetidos a uma dieta alimentar própria para a competição, principalmente a primeira refeição da manhã (A TARDE, 1956, n. 14.675, p. 5). Ao chegarem a Mar Grande, os nadadores foram recebidos pela população local e veranistas, sob palmas, principalmente Angela Maria, que recebeu uma calorosa recepção.

Às 8h e 14min, do dia seguinte, foi dado o tiro de partida, junto ao farolete existente na linha dos arrecifes defronte de Mar Grande. Neste local, encontravam-se todos os participantes, cada um em seu barco, e ao sinal da pistola saltaram para a água rumo ao continente.

Durante a prova, muitas embarcações acompanhariam o evento, o Yatch Clube da Bahia acompanharia os nadadores com uma flotilha de iates. Dentre as embarcações, a lancha Simões Filho, cedida pelo inspetor da Saúde do Porto, estaria transportando os médicos Menandro de Faria e Renato Carvalho para qualquer eventualidade.

Neste evento, o patrocinador Fratelli Vita serviria para os integrantes das embarcações oficiais e as que estariam protegendo os nadadores, “[...] os seus afamados refrigerantes: ‘Guaraná Fratelli Vita’, ‘Sukita’, ‘Água Tônica’ – considerada uma das melhores do mundo – e gazozas”. A empresa Cia Nestlé também estaria oferecendo alimentação aos passageiros e tripulantes das embarcações (A TARDE, 1956, n. 14.666, p. 5).

Havia, porém, uma balsa montada em flutuadores, que portava senhoras e senhoritas, sentadas confortavelmente em cadeiras de modo a acompanharem a prova. Pintada de amarelo, ostentava uma faixa escrita: torcida de Angela. Acompanhada por seu pai e preparador, Angela Maria, deslocava-se na água nadando de costas e, sem pressa respondia aos acenos dos espectadores. (A TARDE, 1956, n. 14.678, p. 2)

A segunda Travessia “Coroou-se de pleno êxito [...]. Foi compreendendo sem dúvida, o motivo esportivo da maratona náutica e o que ela pode oferecer, nesse importante setor de aperfeiçoamento físico da raça, que a população não faltou [...]” (A TARDE, 1956, n. 14678, p. 14). Com essas palavras, o jornal evidenciava não só o sucesso do evento, mas a concepção eugênica, na época muito difundida.

De acordo com A Tarde (1956, n. 14.678, p. 2), o Porto da Barra estava repleto. A multidão ocupava a balaustrada da Ladeira da Barra, a estrada do Yatch, pelas pedras da praia e toda a sua extensão, além dos barcos e banhistas que se colocavam na água, próximos ao funil de chegada.

Angela, devido às condições da maré, não conseguiu entrar no Porto da Barra. Após nadar 4h e 33min, foi recolhida ao barco depois de insistentes pedidos. Mesmo não tendo conseguido completar a prova, foi a primeira mulher a se lançar ao desafio de uma das mais antigas provas de águas abertas do país e, em sendo assim, merece estar na história da natação brasileira.

Ficou decidido que a festa da premiação seria na Península Itapagipana pelo fato de a maioria dos nadadores classificados lá residirem. Foi armado um enorme palanque na frente do Clube de Natação e Regatas São Salvador, para receber autoridades, desportistas e convidados. Após a entrega dos prêmios ao vencedor e classificados na competição, foi feita uma homenagem especial a Angela Maria, “a

corajosa moça que realizou a travessia”, sob os aplausos e simpatia dos presentes, e uma taça foi oferecida pela FBN e muitos outros presentes (A TARDE, 1956, n.14.690).

Após a cerimônia, houve um desfile em carro aberto pelas ruas do bairro, promovido pelo Clube São Salvador, com os classificados, a nadadora Angela, diretores e desportistas do referido clube. Ostentavam flâmulas, bandeiras e medalhas. Dentre os desportistas, desfilou num dos pelotões, a nadadora Mary Gonçalves, campeã sul-americana, trajando um “sweater” verde constelado de medalhas. Após o desfile, todos foram recepcionados numa reunião dançante promovida pela diretoria do Clube (A TARDE, 1956, n. 14.689, p. 5).

Desta forma, encerrou-se a segunda Prova Baía de Todos os Santos, consagrada no período como a maior atração da aquática nacional, por figurar como uma das maiores em extensão da América do Sul (A TARDE, 1956).

Foi visto que, desde o seu início, a Travessia Mar Grande-Salvador despertava interesse por parte dos amantes do esporte e já apontava uma projeção no cenário nacional e internacional.

Cresce gradativamente a expectativa do público esportivo de nossa terra em torno da sensacional “Travessia Baía de Todos os Santos” [...] e que de ano para ano vem se tornando ainda mais conhecida não só em nosso país como em várias partes do continente Sul-Americano [...] é sem dúvida a maior prova em extensão levada a efeito no continente. (A TARDE, 1957, n. 14963, p.10)

Dessa forma, esperava-se que o sucesso das duas primeiras edições se estendesse à terceira Travessia. “A medida que os dias vão se passando aumenta o interesse em torno da empolgante prova que reunirá grandes azes da aquática nacional” (A TARDE, 1957, n. 14972, p. 8), notas como esta exemplificam a expectativa em torno da prova.

Como foi visto, a segunda Travessia Mar Grande-Salvador, representa o marco da participação das mulheres em provas de longa distância em mar aberto na Bahia. A nadadora Angela Maria Carvalho, mesmo sem ter concluído a prova no tempo previsto, tem o mérito de ser a pioneira na história da participação das mulheres na Travessia.

Semelhante às duas competições anteriores, havia um noticiário frequente, quase cotidiano, a partir do mês de dezembro, realizado pelo jornal A Tarde. Sendo o organizador da travessia, tinha o interesse de vincular no seu vespertino informações relativas à prova a fim de atualizar os leitores e amantes do esporte. Havia informações sobre as inscrições, participantes, patrocinadores, prova eliminatória, exames médicos, embarcações que acompanhariam o evento, dentre outras.

A competição realizou-se sob os auspícios do Ministério da Marinha e com a colaboração da Federação de Baiana de Natação e da Prefeitura da cidade. Segundo o periódico, o interesse era tamanho que suplantou o futebol, sendo assunto preferido das conversas (A TARDE, 1957).

Repetiu-se a preocupação com a segurança dos nadadores no que se refere às embarcações presentes no trajeto e às que os acompanhariam. “[...] cada nadador terá um saveiro como acompanhante seguindo neste o orientador, fiscal e tripulação” (A TARDE, 1957, n. 14969, p.11). As embarcações que acompanhavam os nadadores eram escolhidas por sorteio. Os nadadores eram identificados com “gorros”⁷ numerados, exceto as mulheres, talvez pelo número reduzido de participantes.

Outro cuidado era referente aos exames médicos, que neste ano seriam realizados no Hospital do Pronto Socorro do Canela pelo Dr. Menandro de Faria e outros médicos do hospital. Todos os nadadores classificados na prova eliminatória, os campeões das edições passadas (José Liberato Matos e Manuel da Paixão Tosta) e as mulheres inscritas eram submetidos a um exame criterioso da equipe médica.

No que diz respeito à transmissão do evento, além do jornal A Tarde, a rádio Cultura repetiu a parceria dos anos anteriores, prontificando-se a fazer toda a cobertura (A TARDE, 1957, 14.388, p. 2). Fechando o contrato com a Frateli-Vita, patrocinadora exclusiva da transmissão, se comprometeu a transmitir todas as notícias durante a realização da prova, a começar por Mar Grande, durante o percurso (na lancha oficial) e, finalmente, do Porto da Barra, “[...] narrando detalhes

⁷ Toucas utilizadas pelos nadadores.

por detalhes da sensacional maratona aquática” (A TARDE, 1957, n. 14970, p. 7). Na praia do Porto da Barra,, foi instalado um serviço de amplificação, patrocinado pela prefeitura, a fim de que as informações fossem divulgadas para o público.

Os prêmios doados eram os mais variados possíveis, a empresa Wander doou 24 latas de latas de Ovomaltine, para os cinco primeiros nadadores que completassem a prova. A Tarde ofereceu aos dez primeiros colocados: medalha de ouro, prata e alpaca e troféu com inscrição do vencedor. Foi oferecido pela empresa Milo uma *corbeille* para a primeira representante feminina. Empresas dos mais variados ramos chegavam à redação de A TARDE e ofereciam a sua contribuição. Dentre elas a Loja Nova América, Casa Krause, Laboratórios Reunidos da Bahia Ltda, o Laboratório Wander do Brasil, a Fratelli-Vita.

Para a terceira edição da prova, a expectativa de recorde de participantes era grande porque, ao tornar-se uma prova interestadual, receberia atletas de outros estados além dos nadadores locais. Exemplo disso foi a notícia publicada no jornal A Tarde (1957, n. 14.969, p.11), sobre a presença na travessia de Isa Teixeira e, do nadador Aristarco Teixeira de Almeida, conhecido como Tanquinho, ambos campeões sul americanos e nadadores do Clube Fluminense do Rio de Janeiro, que, na época, liderava a natação brasileira. A expectativa era grande em relação à *performance* destes nadadores, sendo inclusive considerados os possíveis ganhadores da terceira Travessia, não só pela atuação no cenário desportivo aquático brasileiro, mas por também terem ganho a primeira Travessia Leme-Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, realizada meses antes.

A respeito da participação das mulheres, A Tarde (1957, n. 14.967, p. 7) comentava: “O belo sexo estará prestigiando de maneira decisiva a grande prova de natação denominada Baía de Todos os Santos”. Dessa forma, o jornal, informava sobre a participação de Marlene Gomes Nascimento (Figura 5), a índia de Mar Grande, Angela Maria Carvalho (Figura 6), representante da Península Itapagipana, e Marília Barreiros (Figura 7), atleta do Esporte Clube Vitória, considerada uma das maiores estilistas do norte do país. Era esperada também a nadadora Isa Teixeira e a paulista Egle Blanco.

A utilização da expressão o “belo sexo”, no título da matéria, para se referir à participação da mulher na Travessia, é recorrente, e podemos atribuir ao modelo da

mulher dos anos 1950, cuja feminilidade, graça, elegância, e beleza das formas eram sempre exaltadas em detrimento, no caso das nadadoras, das suas performances e qualidades atléticas que eram invisibilizadas. Percebemos também essa invisibilidade na ausência de imagens, publicadas no jornal A Tarde, nos diferentes momentos da competição. Diferentemente, os homens foram fotografados em sua maioria, em trajes de banho, nadando, chegando ao término da prova, dentre outras situações da competição.

Figura 5: Imagem Marlene Nascimento (1957)



Fonte: Jornal A TARDE (1957)

Sobre a atuação de Angela, na segunda edição da competição, o jornal elogiava dizendo que a mesma deu provas da bravura e da coragem da mulher baiana, e que sozinha como legítima representante do belo sexo, chamou para si quase toda a expectativa da competição, faltando muito pouco para concluir a prova. Afirmava também a importância da participação de Marília na terceira edição da Travessia, por verem nela uma possibilidade de sucesso, considerando-a uma grande atração o que iria abrilhantar a prova que, naquele ano, teria o caráter

interestadual. “Ademais é muito corajosa daí acreditarmos na bela representante do decano” (A TARDE, 1957, n. 14967, p. 7).

Figura 6: Imagem Angela Maria Carvalho (1957)



Fonte: Jornal A TARDE (1957)

Figura 7: Imagem Marília Barreiros (1957)



Fonte: Jornal A TARDE (1957)

A terceira edição da Prova Baía de Todos os Santos foi a recordista em número de inscrições e participação de mulheres. Foram quatro as representantes: Angela Maria Carvalho, do Esporte Clube Bahia, Marília Barreiros, do Esporte Clube Vitória, Marlene Nascimento, sem referência de clube e Egle Blanco do Internacional de Regatas de Santos.

Clubes soteropolitanos como o Esporte Clube Vitória, Clube de Natação e Regatas São Salvador, Clube Esporte Clube Bahia, Clube Ipiranga, envolviam-se ativamente na prova inscrevendo nadadores para representá-los. Além de nadadores baianos, esperavam-se representantes de ambos os sexos do Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe, Pernambuco, Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, e Distrito Federal, além de um fundista português.

No dia 06 de janeiro às 8h da manhã foi dada a largada da prova eliminatória. Os nadadores, darão uma volta na Península Itapagipana, cujo percurso de 4.500m servirá de teste para a organização do evento identificar quais atletas estão aptos para participar da Travessia, noticiava A Tarde (1957, n. 14.965, p. 7). O percurso

era do Bonfim até o palanquinho de regatas do Porto dos Tainheiros. Dos mais de 50 concorrentes, somente 25 foram classificados. Semelhantes ao ano anterior, mulheres e vencedores das competições passadas, ficaram isentos da prova eliminatória.

A mobilização em Salvador e em Mar Grande era intensa nos dias que antecederam a prova. Não só os veranistas, mas também os nativos da ilha aguardavam e cooperavam com a organização do evento. O embarque dos nadadores classificados para a ilha de Itaparica aconteceu no dia 18, às 14h (A TARDE, 1957, n. 14.976, p. 7). Repetiu-se o que ocorreu no ano anterior, quando todos os nadadores ficaram concentrados no Hotel Mar Grande⁸. Havia uma rotina prevista para os nadadores na véspera da competição, tais como horários das refeições, do descanso e do recolhimento.

Na data marcada, 20 de janeiro, foi realizada a terceira Travessia Mar Grande–Salvador. “A’s 6,25horas o tenente da marinha [...] deu o tiro de largada para as moças que se dispuseram a arriscada travessia” (A TARDE 1957, n. 14978, p.9). Com elas partiram dez embarcações e a lancha Simões Filho da Saúde dos Portos, com os médicos Menandro de Faria e Renato Medrado. Marília tomou a direção do Monte Serrate⁹, tendo ao seu lado a nadadora Egle Blanco de São Paulo.

Foi um duelo espetacular das duas formosas e jovens atletas, até a meia travessia, quando a bahiana conseguiu tomar a dianteira até o funil de chegada na praia da Barra, quando foi recebida com estrepitosas aclamações pelo povo que ali se aglomerava nas balaustradas e pelos banhistas que acorreram a saudá-la, tornando até difícil a penetração no funil. Foi um dos momentos emocionantes da grande prova. (A TARDE, 1957, n. 14.978, p. 9)

As nadadoras Marília, Angela e Egle foram levadas pela maré para o Farol da Barra. Marília nadou próxima às pedras, contra a maré e, conseguiu chegar ao Porto, sendo a única mulher a cruzar o funil¹⁰, após a chegada do quinto homem. As outras duas concorrentes chegaram a Salvador, mas em um outro ponto, devido à

⁸ Ex-Hotel Deauxille.

⁹ Escrita da época.

¹⁰ A colocação do “moderno funil” ficou a cargo do Yatch Clube da Bahia. Ao término do funil foi colocado um flutuador onde ficava o juiz de chegada recebendo os nadadores que completavam a prova, o flutuador facilitava ao público identificar o vencedor e acompanhar os outros atleta que concluíam o percurso.

forte maré. Na classificação feminina, ficou Marília em 1º lugar, Egle em 2º lugar e Angela em 3º lugar. Marlene desistiu da competição faltando um pouco mais de uma milha.

Apesar de sempre ter sido um evento de grande repercussão, algumas edições foram mais expressivas por apresentarem feitos, fatos, novidades, eventos inesperados que marcaram a sua história, assim foi a terceira Travessia Mar Grande-Salvador, realizada em 20 de janeiro de 1957. Esta possui um relevo especial para a história do esporte feminino brasileiro, pois foi nesta edição que uma mulher concluiu pela primeira vez o percurso. Marília Barreiros, a campeoníssima, como era referida pela imprensa baiana da época, nadadora do Esporte Clube Vitória, realizou este feito aos 18 anos de idade.

Passados 60 anos, desde a sua primeira edição, A Travessia Mar Grande-Salvador permanece como um evento esportivo de relevo local e nacional, continuando a seduzir nadadores (as). Para José Ney Santos do Nascimento,¹¹ que participou efetivamente da organização da competição durante algumas décadas, até início dos anos 2000, a Travessia mobilizava muita gente sendo uma verdadeira “festa no mar”. Mesmo considerando que houve uma diminuição da frequência da população em geral no “dia da Mar Grande”, ficando mais restrita aos familiares e amigos dos nadadores (as) ela conserva o seu *glamour*.

Na sua 52ª edição, a Travessia Mar Grande-Salvador, constitui-se o ponto culminante para aqueles nadadores (as) que participam do Circuito Baiano de Águas Abertas¹², sendo considerada por Sued Marcos Nogueira Awad¹³, árbitro internacional de maratonas aquáticas, como “a cereja do bolo do ano”.

Ao se referir à prova, como a precursora das atuais maratonas aquáticas, diz:

¹¹ Professor de Educação Física graduado pela Universidade Católica do Salvador e, doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Entrevista concedida em 13 de dezembro de 2016, Salvador Bahia.

¹² O Circuito Baiano de Águas Abertas é formado por dez etapas que são realizadas ao longo da temporada.

¹³ Professor de Educação Física licenciado graduado pela Universidade Católica do Salvador, diretor da Federação Baiana de Desportos Aquáticos, e árbitro internacional de maratonas aquáticas. Entrevista concedida em 16 de maio de 2016, Salvador Bahia.

[...] ela hoje tem o status de que têm que acontecer, ela faz parte da cultura de Salvador - Bahia. As maratonas aquáticas estão hoje onde estão agradeça a Mar Grande-Salvador. Se temos hoje dois atletas nas olimpíadas, se temos dois árbitros internacionais, se temos o circuito mais forte do Brasil é muito pela Travessia Mar-Grande. Hoje não vejo o circuito aquático da Bahia sem a prova. A pessoa entra no circuito para fazer a prova. (SUED AWAD, 16 mai. 2016)

Desde o seu surgimento, a prova é realizada anualmente e preferencialmente nos meses de janeiro. Partir de uma ilha, atravessar uma baía para chegar a um continente, é o grande desafio da Travessia, e o motivo que leva muitos nadadores (as) a participarem durante o ano do Circuito Baiano de Águas Abertas. Este circuito, foi criado para classificar 100 nadadores para a Travessia Mar Grande-Salvador.

Ao longo das 52 edições, a competição foi se ajustando de maneira a atender às diferentes épocas nas quais foi realizada. Na atualidade, goza de uma grande estrutura, organizada pela Federação Baiana de Desportos Aquáticos (FBDA), jornal A Tarde, detentor dos seus direitos, tendo o apoio da Prefeitura, Polícia Militar e Marinha, além de patrocinadores.

Para a realização de um evento do porte da Travessia Mar Grande-Salvador a FBDA conta com vários patrocinadores e instituições de apoio. Em matéria publicada, nos dias que antecederam a 52ª Travessia Mar Grande-Salvador, Lima (2016) comentava que para dar conta da área da competição cerca de 15 árbitros da Federação Baiana de Desportos Aquáticos participariam do evento. Além disso, informou que o evento estava sendo realizado pela Record e Grupo A Tarde com o apoio da Braskem, Embasa, Bahiagás, Powerade, Vitalmed (em terra e água, com profissionais de plantão e ambulância equipada com UTI móvel), Powerade, Prefeitura Municipal de Salvador e Governo do Estado da Bahia.

Apesar dos ajustes naturais, a fim de atender as demandas atuais, a organização da Travessia conserva, em vários aspectos, o que foi planejado desde a sua criação. Exemplo disso é a utilização de barcos-guias, que, na 52ª edição, somaram 101, e utilização de equipes de apoio para a segurança do nadador. “Desde a largada, na praia do Duro, em Mar Grande, cada nadador terá a sua própria embarcação e equipe de apoio, indicando o caminho até o Porto da Barra, nos 12 km de natação entre a Ilha de Itaparica e Salvador” (LIMA , 2016).

Sued Awad informa que hoje, a infraestrutura organizada para a Travessia é muito mais complexa que no passado. O Porto da Barra é fechado, para que só os atletas tenham acesso, na praia, é montado um grande palco pelo jornal A Tarde, além de ambulância, ambulância, médico, alimentação e hidratação para o atleta, chuveirões e área vip, que são disponibilizados para dar suporte ao evento. Complementa dizendo:

Um avanço que inclusive a Bahia é precursora, diz respeito ao sistema de filmagem da chegada da prova e o lançamento *on line* dos resultados, ou seja, a medida que os atletas vão chegando o nome e tempo dos mesmos vai sendo lançado na internet.

Uma novidade também é o apadrinhamento dos nadadores por personalidades e pessoas públicas. Na 52ª Travessia, a cantora baiana Catê foi madrinha das nadadoras e a apresentadora Jessica Senra foi madrinha dos nadadores. (LIMA, 2016)

Nas primeiras edições da competição, era evidente a expectativa de que a Travessia Mar Grande-Salvador viesse a ter uma projeção nacional e internacional. Esta afirmativa se apoia nos noticiários da época, que, frequentemente, apontavam a imensa aceitação e interesse por parte da sociedade baiana, das autoridades locais, pessoas e instituições ligadas ao esporte e à imprensa. Porém com a evolução das provas em águas abertas, e elaboração das regras por órgãos internacionais, terminou por alijar a inclusão da Travessia no Circuito Nacional. Sobre isso explica Sued Awad:

A regra da Federação Internacional diz que a prova até 10km não pode ter acompanhante, não pode ter um barco como ela é.[...] o circuito brasileiro não mede o ângulo que você tem que fazer por causa da maré. Ele mede em linha reta, quando ele mede em linha reta, a prova não mede 10km, dá menos e aí por conta disso ela deixou de ser uma etapa do Campeonato Nacional, por conta dessa metragem.

Para o nadador ficar sem o barco-guia, o percurso teria que ter várias boias, e isso triplicaria o custo da prova, ficando inviável para a atual estrutura da Mar Grande, por isso ela saiu do circuito nacional, conclui.

Além do barco-guia, a condição física do nadador (a) também tem sido motivo de preocupação por parte da organização. Como foi visto nas primeiras edições, havia um grupo de médicos que examinavam e atestavam a saúde dos

participantes, mas essa conduta não era suficiente para evitar que muitos nadadores, sem condições físicas, desistissem da prova durante o trajeto. Lançaram mãos das eliminatórias, mas, com o tempo, verificou-se também a necessidade de também o técnico atestar se o seu (sua) atleta estava em condições técnicas de realizar a competição.

Sendo a Travessia uma prova em mar aberto e, portanto, sujeita à maré e às condições atmosféricas, o nadador se depara muitas vezes com impedimentos que lhes força interromper a prova. A desistência varia a cada ano, porque a Mar Grande tem uma peculiaridade; cada ano é uma prova diferente. Isso acontece por conta da maré e das condições climáticas (vento, chuva). No entanto, muitos não desistem, mas encerram a prova em função do tempo limite, previsto para a realização, já ter sido esgotado, explica Sued Awad.

Esse tempo foi pensado para se ter um grau de segurança além do que a baía fica fechada, não permitindo a passagem de embarcações. A marinha pediu que determinássemos um tempo para ficar fechada. Portanto muitos atletas são obrigados a subir no barco depois das quatro horas. Fisicamente ele poderia chegar, mas chegaria muito acima do tempo e agente entende que é pela segurança do próprio atleta já que a arbitragem vai se retirar. Alguns que estão pertos e que não correm risco agente deixa chegar na areia, mas são desclassificados.

Portanto, os critérios: Ser selecionado pelo Circuito Baiano de Águas Abertas e apresentar o atestado técnico e médico, para participarem da competição, fazem com que dificilmente o nadador (a) desista por falta de condições físicas. “Desistir, desistir, eu quero parar, eu não lembro de ninguém falar isso”, afirma Sued.

Os nadadores (as), que hoje participam da Travessia, possuem um nível técnico e físico maior do que os pioneiros (as) da prova. Naquela época, a preparação mais deficiente e o desejo de realizar a prova, muitas vezes pela simples aventura, e pela novidade da competição, faziam com que muitos ficassem no caminho por estarem despreparados. Hoje, há atletas reconhecidos mundialmente, como é o caso dos baianos Ana Marcela Cunha e Allan do Carmo, ambos hexa campeões da prova e considerados os melhores nadadores de maratonas aquáticas do país. Assistimos também à participação de para-atletas homens e mulheres, realidade que provavelmente era impensada naquela época.

A 52ª Travessia Mar Grande-Salvador realizou-se no dia 10 de janeiro de 2016. Às 8h, partiram da Praia do Duro 101 nadadores. Semelhante às primeiras

competições, nos dias que antecederam o evento, o jornal A Tarde, publicou várias matérias nos seus periódicos impresso e *on line*.

Com o título “Desafio move 'anônimos' a completar a Mar Grande/Salvador” Lima (2016) falava sobre os estreantes e veteranos anônimos que iriam fazer parte da prova. Na matéria cita Fernanda Scher, (Figura 8) nadadora de 24 anos que estaria participando pela primeira vez da Travessia. Na notícia, nadadora informava que fez doutorado com os colegas nadadores e com a técnica Desirée Dalia. Apesar da estreia afirmava estar tranquila, já que além dos 7.000 m nadados quase que diariamente desde fevereiro do ano anterior, gozava de boa condição psicológica.

Figura 8: Imagem Fernanda Silva Scher (2016)



Fonte: Arquivo pessoal da nadadora

Lima (2016) informava também sobre a recordista feminina em número de participações, Desirée Dalia (Figura 9), que, naquela competição, estaria realizando sua 22ª Travessia. A respeito da sua segurança em participar da Mar Grande, a

nadadora relatava que além da experiência contava muito com a preparação física. "A participação exige um treino semanal de 20 mil metros para completar a prova é o treinamento de um ano antes, o que equivale a 80 mil por mês", afirmava a nadadora.

Fernanda e Desirée são duas das 20 nadadoras que participaram da 52ª Travessia Mar Grande-Salvador. Obviamente, nas notícias sobre a participação das mulheres já não se observa a "sensação" que a participação feminina provocou nas primeiras edições. Nessa edição da prova, Fernanda e Desirée, atletas da Academia Dalia se classificaram em 11º lugar e 17º lugar, respectivamente. A campeã da competição foi Marcia Santos do Salesiano/BA.

Figura 9: Imagem Desirée Dalia (2016)



Fonte: Arquivo pessoal da nadadora

As 20 mulheres participantes na 52ª edição da Travessia, correspondem 66% da ocupação das vagas reservadas para as nadadoras. Sued Awad nos informa que, dos 100 atletas classificados,

90 atletas saem do Circuito Baiano, do Campeonato Baiano. Os primeiros 60 homens e as primeiras 30 mulheres se classificam automaticamente. Duas vagas são para os campeões do ano anterior, masculino e feminino e, oito vagas são destinadas a atletas de fora do estado.

As 30 vagas reservadas para as mulheres, ainda não são totalmente ocupadas por elas. Segundo Sued Awad, a média de participação é de 15 a 20 mulheres, com isso, as vagas remanescentes são ocupadas pelos homens. A respeito disso comenta: “A preocupação esse ano foi: Tem muito mais mulher fazendo, então, muitos homens vão sobrar, e essa é a tendência daqui a quatro, cinco anos, que as vagas das mulheres sejam preenchidas”.

Ele associa esse aumento do número de mulheres ao fato de muitas passarem a se interessar e treinar, após acompanharem seus namorados e maridos aos treinos. Ao analisar as informações do depoente, constatamos que a proporção homens/mulheres participantes evolui em relação as primeiras competições, porém ainda guarda uma desproporção relevante.

Isso pode indicar a permanência das resistências sociais e educacionais em relação a participação das mulheres em competições dessa natureza. Como relata o depoente, a resolução em participar da prova decorre da saída da mulher da condição de “acompanhante” para a de participante. Situação que nos remete ao início da participação das mulheres no esporte.

Além desse motivo, ele também relaciona a reduzida participação das mulheres à cultura de que a natação masculiniza o corpo feminino. “Ainda tem uma cultura que a mulher que faz natação tem as costas largas. Ficam com medo de treinar e ficar.”

Acompanhando a história de mulheres que se dispuseram a fazer a Travessia, Sued Awad, comenta sobre as mudanças de comportamento decorrentes dessa escolha.

É perceptível a mudança da mente delas, assim, é um mega desafio. Depois que faz a Mar Grande está preparada para fazer qualquer coisa na vida. Eu fiz a travessia, eu

consigo. No início tem medo mas depois que completam dizem: caramba eu consegui, agora eu faço qualquer coisa.

Na sua opinião, o desafio para muitas mulheres vai além do fazer a prova porque são mulheres que trabalham, treinam, cuidam dos filhos e da casa. “Muitas chegam e choram emocionadas. Certamente, ficam muitas vezes ausentes, cansadas, estressadas, então quando esse ciclo se completa, há emoção.

O depoimento do entrevistado, quanto ao esforço de muitas mulheres para conseguirem realizar um projeto pessoal, mostra o quanto ainda estamos distantes de uma equidade em relação aos papéis sociais assumidos pelas mulheres e homens.

As provas em mar aberto têm se popularizado no Brasil e no mundo, e nas Olimpíadas Rio 2016, ganhou *status* de esporte, com o nome de maratonas aquáticas¹⁴. Apesar da pretensão inicial de vir a ser uma prova de caráter nacional e internacional, não ter se concretizado devido às regras da FINA, a Travessia Mar Grande-Salvador contribuiu para a história da natação em águas abertas na Bahia e no Brasil.

¹⁴ A denominação Maratona Aquática enquanto esporte olímpico, refere-se à natação de 10km.

3 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DAS MULHERES NO BRASIL

Este capítulo trata da história da educação das mulheres, aqui entendida como o processo de emancipação/resistência vivenciado por elas nas diversas instâncias sociais. Com o objetivo de compreender as bases sobre as quais se constituíram o modelo de educação das mulheres no Brasil, iniciamos fazendo uma exposição sobre a condição de “ser mulher”, avançando posteriormente para o período colonial e republicano. Em seguida, destacamos alguns períodos dessa história, a partir dos anos de 1950 até os dias atuais. Entendemos a educação como um processo decorrente da experiência humana num determinado contexto cultural, sendo assim, elegemos alguns aspectos da educação das mulheres para serem discutidos nos períodos já referidos. Por fim, destacamos a história da natação feminina tecendo relações com a educação das mulheres. Para isso, fomos acompanhadas pelos escritos e registros das autoras e autores que se debruçaram sobre os temas tratados aqui, cada qual em sua especificidade.

A história da educação das mulheres confunde-se com a própria história da mulher. Para a mulher tem sido relegado um papel subalterno, invisível, confinada a um silêncio, a uma quase não existência, como se não fizesse parte dos acontecimentos, dos relatos, das experiências humanas, em fim da história. “A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito [...]” (LOURO, 1997, p. 17).

Esse descaso relativo à vida da mulher é resultante de um processo educativo excludente, subserviente, à qual, historicamente, em muitas civilizações, foi submetida. O acesso ao saber tem se constituído de lutas e batalhas, como em quase tudo o que diz respeito aos direitos da mulher.

O seu silenciamento, a sua invisibilidade, em muitas sociedades fazem parte da ordem das coisas. A sua ausência no espaço público, local onde, por muito tempo, os acontecimentos mereciam interesse, deixaram-na à parte.

Sua vida era mais doméstica. A confinção da mulher ao ambiente privado é histórica. Ao relatar uma das passagens do naturalista francês Saint-Hilaire, em suas viagens no século XIX ao nosso continente, quando em uma de suas visitas a uma fazenda depara-se com a reação de um coronel que esconde mulher e filhas para não ficarem comprometidas, Telles (2015, p.671) a esse fato se refere “[...] A mulher escondida. Guardada. Principalmente invisível, a se esgueirar na sombra. Reprimida e ainda assim sob suspeita”. Foi esse apartamento construído ao longo dos séculos que reservou a mulher um espaço social subalterno, pequeno, sem direitos e sem voz.

O determinismo biológico talvez tenha sido o mais contundente e perverso argumento para educar a mulher como um ser “inferior por natureza”, o que tem gerado desigualdades sociais. Para Louro (1997, p. 21),

Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — e *justificar* — a desigualdade social.

Sobre ela, falam, em sua maioria, os homens. São eles que, em muitas sociedades, definem e determinam como a mulher deve ser educada. Elas não são ouvidas. As suas necessidades, desejos e interesses são relegados, muitas vezes oprimidos, porque se fala, se sente, se imagina por e sobre elas. “Usam-se estereótipos para designá-las e qualificá-las” (PERROT, 2015, p.21), criando-se social e culturalmente um papel que seja conveniente para a sociedade na qual ela existe/resiste.

A educação destinada à mulher é uma definidora dos papéis assumidos por ela na sociedade. Para que educar a mulher? O que lhe cabe, o que lhe é permitido, o que lhe é possível ser, ter, saber? São perguntas muitas vezes não ditas, mas implícitas no modelo de educação que tem sido reservado a ela.

Por muito tempo, o saber, que lhe era autorizado, se restringiu àqueles ensinados pelas mães, e mulheres do seu convívio. Cozer, lavar, cozinhar, cuidar da casa e da família; esse era o conhecimento necessário à sua existência. O saber da leitura, da escrita, da boa conversação, dos conhecimentos sobre a vida e o mundo, era considerado antagônico à sua natureza, ao seu papel social.

Para entender a história da educação das mulheres no Brasil, é necessário retroceder às origens, quando da formação cultural do nosso povo. Desde o período colonial, quando a estrutura econômica nascente, fundada na grande propriedade e na mão-de-obra escrava favoreceu o nascimento da família patriarcal, esta, facilmente, incorporou os hábitos, costumes e ideias dominantes na cultura medieval europeia, realizada através da obra dos jesuítas. A educação jesuítica oferecida à elite brasileira primava em formar homens letrados, compondo-se de atividades literárias e acadêmicas. Nessa organização social colonial

Apenas àqueles cabia o direito à educação e, mesmo assim, em número restrito, porquanto deveriam estar excluídos dessa minoria as mulheres e os filhos primogênitos, aos quais se reservava a direção futura dos negócios paternos. (ROMANELLI, 1995, p. 33)

Conforme traz a autora, observamos que, dentro dessa organização social não cabia à mulher o conhecimento das letras, da educação. A influência da Igreja no período colonial e nos períodos subsequentes exerceu uma influência muito grande na educação da mulher, contribuindo para o cerceamento dos seus direitos.

Após a república, o discurso sobre a necessidade do país se modernizar e sair do estado secular de analfabetismo e ignorância, permeou as discussões em vários setores da sociedade. Porém Louro chama atenção não só para as diferenças de educação utilizadas para formar meninos e meninas da elite, mas também ressalta que [...] as divisões de classe, etnia e raça tinham um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformar as crianças em mulheres e homens. [...] (LOURO, 2015, p.444). Para esses grupos, a necessidade do trabalho precoce e o preconceito, negavam-lhes o acesso a escolarização.

Nessa época, a educação formal feminina da elite brasileira era bastante incipiente. As escolas fundadas por ordens e congregações religiosas além da escola de leigos, preparavam as moças das classes sociais privilegiadas para as prendas do universo doméstico e para o convívio social. Nessas escolas, apenas professoras ministravam aulas para as meninas. Saber:

[...] ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura. (LOURO, 2015, p. 444)

Fica claro que a educação das meninas tinha como objetivo principal prepará-las para atividades domésticas necessárias para a futura mãe e dona de casa. Sem privilégios, era negada, às meninas, acessar o mesmo nível acadêmico permitido aos meninos. No máximo o ensino das ‘pedagogias’. As mestras eram nomeadas levando-se em conta qualidades como a honestidade, prudência e conhecimentos, além de saber coser e bordar (LOURO, 2015). Isso denota o ideário social e cultural no qual a mulher estava inserida.

Refletindo sobre as diferenças seculares no tratamento de homens e mulheres, Silva, Maritza (1995), comenta que, sendo provenientes de uma cultura judaico-cristã e portanto influenciados pelos documentos e escritos religiosos como o Velho Testamento e o Livro de Gênesis, fomos inculcados milenarmente a crer que a mulher não goza dos mesmos privilégios do homem, desde a sua criação.

Adão é feito do pó da terra, a “imagem e semelhança” de Deus, evidentemente um Deus masculino. Posteriormente, Adão, por sentir-se solitário, ganha uma companheira que é extraída de sua costela; fica então Eva sendo criação de um Deus homem, resultado de uma costela, também masculina. Daí, já se deduz uma grande diferença quanto à sua “concepção” (SILVA, Maritza, 1995, p.109)

Essa lenda da formação do homem e da mulher ilustra a valorização do homem, quando a ele é atribuído um caráter divino, conquistando por consequência um lugar de poder, de saber, e reserva para a mulher um lugar de subalternização, face às condições da sua formação. Nessa visão, muitas deduções interpretativas podem ser feitas, originando um modelo que representa a figura feminina, que vai sendo consolidado ao longo dos séculos nas diversas civilizações ocidentais.

A educação destinada a homens e mulheres exemplifica uma das dimensões desse modelo idealizado. Relações estabelecidas entre saber e poder retiraram por muito tempo da educação das mulheres o acesso ao conhecimento. O saber empodera, questiona, liberta. Mesmo quando o cenário começa a se modificar, e lhe são concedidas noções básicas da escrita, da leitura e das contas, havia a concepção de que:

‘mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas’, ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do *caráter*, sendo suficientes, provavelmente, *doses pequenas* ou *doses menores* de instrução. (LOURO, 2015, p.446)

O caminho de acesso à educação formal pública ou privada foi árduo e longo. O enfrentamento e resistências de algumas mulheres e as poucas disposições sociais para que o quadro se revertesse não conseguiram dissolver facilmente as inúmeras barreiras erguidas.

Após séculos de exclusão, foi autorizada, em 1827, pela Lei Geral do Ensino de 5 de outubro, o acesso das mulheres às escolas femininas de primeiras letras e quase 50 anos depois, em 1879, a Lei Leôncio de Carvalho assegurou às mulheres o direito de estudarem nas instituições brasileiras de ensino superior. (ROSEMBERG, 2013)

A chegada do século XX não provocou rupturas, nem modificações expressivas com relação a educação das mulheres. Segundo Silva (1998), as diferenças relativas ao gênero, no início deste século, eram acentuadas, enquanto para os homens a educação preparava para a vida pública, para a mulher era restrita, preparando-a para o setor privado, ou seja, sua casa, marido e filhos. Ao homem estava destinado o preparo do corpo e do caráter, necessários para a construção de uma sociedade moralizada e higienizada, livres de problemas sociais. Para a mulher poucas letras. Nos estabelecimentos escolares, frequentados pela elite, havia uma distinção entre a educação feminina e masculina, o que ratificava o seu papel social.

Portanto, a educação das mulheres, desde o período colonial até os primeiros anos da república, apresentou alguns avanços, porém permaneceu como marca definidora da sua educação, a preparação para assumir as atividades de natureza doméstica, para ser mãe, esposa e responsável pela educação dos filhos. O acesso ao ensino formal tinha como principal propósito oferecer uma melhor educação para os filhos e prepará-las para o convívio social. Nesse cenário, características como feminilidade, submissão, fragilidade, docilidade, representam o ideário da mulher, necessário para a manutenção de uma sociedade fortemente machista e patriarcal.

3.1 DOS ANOS DOURADOS AO INÍCIO DO NOVO MILÊNIO: GESTANDO UMA NOVA MULHER

O processo de modernização no Brasil, iniciado no século XX modifica os espaços das cidades, cria novos hábitos, impõe uma vida mais pública, provocada pelo crescimento de salões, bares, escolas, lojas, dentre outros. Mesmo com a sua saída para o espaço público em parte provocada pelas mudanças sociais, políticas e econômicas do período, a mulher, foi enquadrada num modelo de conduta “ideal” para aquela sociedade em transformação. Para Pinsky (2013b, p. 470) “na primeira metade do século XX, parecia não haver dúvidas de que a mulher era, ‘por natureza’, destinada ao casamento e à maternidade”.

A educação da mulher de “família” preservava a castidade, a obediência, o recato, e a virtude dos tempos medievos. As boas maneiras, a forma de falar, as atitudes, os gestos, os trajes, faziam parte da educação esperada para as mulheres da época. De acordo com Pinsky (2013b, p.474), “Esperava-se que fossem pudicas e prendadas, mais do que instruídas, ainda que as novas necessidades da nação e do mercado de trabalho as levassem aos bancos escolares”. Apesar do aumento da valorização e do nível de escolarização das mulheres, a educação escolar preservava valores conservadores (PINSKY, 2013b).

Na década de 1950, conhecida como os Anos Dourados, o Brasil mudara em vários aspectos, devido crescente industrialização, urbanização e modernização das cidades. As mulheres ganharam mais autonomia, ao usufruir da liberdade de ir e vir, e ao conquistar novos espaços sociais. A escolaridade feminina aumentara significativamente, não havia dúvidas à respeito dos direitos das mulheres à educação formal. Nos anos de 1950 e 1960 a quantidade de mulheres e homens no ensino médio era bem próxima, no entanto,

[...] a maioria das moças seguia trajetórias escolares e atividades profissionais de menor prestígio e remuneração que os rapazes, optando em grande número pelo magistério primário, ainda visto como articulado à “missão da mulher no lar”. O curso universitário é uma possibilidade, desde que não comprometa a feminilidade. (PINSKY, 2013b, p. 509)

O magistério era considerado como próprio para as mulheres, permanecendo por muitas décadas como a profissão mais adequada para a mulher. Estudos apontam a relação “[...] entre o ser mulher e a escolha de cursos com conteúdos

humanísticos, que convergem para profissões tipificadas socialmente como femininas [...]” (FAGUNDES, 2002, p. 233).

A escolha do magistério se apoiava na sua característica formadora, cuidadora e abnegada, afinizada com a “natureza da mulher”, além de não representar um perigo maior na ordem social instituída, já que [...] era um trabalho de um ‘só turno’, o que permitia que elas atendessem suas ‘obrigações domésticas’ no outro período.” (LOURO, 2015, p.453). A educação formal para a mulher em meados do século XX, era prioritariamente direcionada para a formação docente.

Apesar do incremento das possibilidades à educação e ao trabalho para ambos os sexos, as distinções entre os papéis dos homens e das mulheres ainda eram marcantes. Mesmo reconhecendo que a atuação da mulher, durante a guerra de 1945, comprovou a competência da mesma em outras instâncias fora do ambiente doméstico, houve um movimento estrangeiro que também contaminou o Brasil, o de fazê-la retornar ao ambiente doméstico e aos valores tradicionais da sociedade (LOURO 2000; PINSKY, 2015).

Nesta época, características atribuídas à mulher como feminilidade, maternidade, doçura, delicadeza, dentre outros são definidos como os ideais para o sexo feminino. Segundo Tomé (2013), havia uma preocupação a respeito das relações conjugais e tudo que dizia respeito. Em seu estudo, credita aos manuais de instrução feminino um papel importante na educação e formação da identidade feminina, cujos cuidados com o corpo, a feminilidade, valores, hábitos, comportamentos, são “ensinados” visando a conformar a mulher num papel social determinado, a de mãe, esposa e dona de casa, desse modo o casamento era o seu destino.

Para Pinsky (2013b), do começo do século XX até o início dos anos 1960, se firmam modelos de feminilidade. Mesmo que assumindo diferentes contornos a educação da mulher, da década de 1950, preservava características femininas, ao tempo em que agregava novas conquistas e liberdades. O recato, a docilidade, a obediência aos pais, a preservação da virgindade, a valorização da “moça de família”, o casamento por amor, a boa esposa, a divisão dos papéis masculinos e femininos, representavam o universo da mulher, portanto, faziam parte da sua educação.

Apesar do predomínio desse estereótipo feminino, o movimento *rock'n'roll*, a influência da cultura norte americana acessada pelos filmes e artistas hollywoodianos, incorporando a moda e estilo de vida daquela sociedade, como também a ascensão dos filmes nacionais e toda a indústria cultural constituída pelo rádio, teatro, revistas, influenciaram na mudança de comportamento das jovens dos anos 1950. Nessa época, o cinema já era “uma instância educativa potente.” (LOURO, 2000, p.501)

Foi um período tensionado pelos valores conservadores que atribuíam à mulher o papel social secularmente construído, frente à tendência internacional de modernização e emancipação feminina no pós-guerra, aliada as transformações econômicas, políticas e sociais do país. Nesse embate, a rebeldia, a transgressão, a contestação assumida por muitas jovens buscam abrir novos caminhos, novas possibilidades de escolha ampliando perspectivas para as suas vidas. A mulher dos anos 1950 avança no alargamento da sua sociabilidade, do seu espaço, incorporando mudanças importantes nos seus hábitos e costumes.

A década de 1960 representa um momento de grande virada na história da mulher. O movimento feminista iniciado no continente europeu, questionava a supremacia masculina, reivindicando direitos iguais para as mulheres. De outro lado, o movimento *Hippie* ao pregar a liberdade e o amor livre influenciava a conduta feminina, iniciando um processo de libertação da sua sexualidade. A ciência avançava na contracepção e o advento da pílula permitiu à mulher decidir a sua maternidade. A forma de vestir, de se comportar, a rebeldia, a consciência política, vão delineando novos perfis de mulheres. É uma época de muitas mudanças no universo feminino.

As mudanças abrangiam os vários setores da sociedade, e avançavam para espaços nunca penetrados pela mulher a exemplo o da política.

Esquecendo a velha lição de que ‘o mundo da política é masculino’, várias garotas, especialmente nos meios universitários e intelectuais, procurariam discutir os problemas do país, se uniriam aos nascentes movimentos de esquerda ou aos hippies, abraçariam idéias feministas e romperiam abertamente com os padrões de comportamento que haviam orientado a vida de suas avós e mães. (PINSKY, 2013a, p. 516)

No Brasil, o movimento feminista, “somente produziram ecos em uma parcela significativa da população a partir de meados da década de 1980, em função das restrições às liberdades individuais impostas pela ditadura militar implantada em 1964” (AREND, 2013, p.77). Porém modificações importantes já apontavam para uma verdadeira transformação na vida da mulher, a começar pela educação.

Iniciava-se uma revolução nos costumes e mentalidades, porém até meados dos anos 1960, o conservadorismo, fortemente presente na sociedade brasileira, ainda brindava o casamento como possibilidade de futuro da mulher e “criava grande expectativa pelo nascimento de uma criança tão logo um jovem casal se unia em matrimônio” (PINSKY, 2013b, p.491).

Convivia a velha herança da família patriarcal, onde a mulher tinha como destino natural a maternidade, o casamento, a família, e os ares de mudança resultante dos movimentos sociais e as transformações da sociedade da época. A educação doméstica da menina pouco a pouco cedia espaço para uma educação que a preparasse para a vida pública.

Nos anos de 1960, as mulheres aumentaram as suas possibilidades educacionais, com reflexos mais ou menos evidentes nas relações familiares, já que no ano de 1962 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), assegurou a equivalência de todos os cursos de grau médio, o que possibilitou que as alunas do magistério pudessem disputar as vagas e ingressar no ensino superior (SCOTT, 2013).

Fato também importante, foi a transformação da maioria das escolas públicas e privada em mistas, possibilitando o convívio de meninos e meninas desde a tenra idade e o compartilhamento dos mesmos conteúdos escolares. A conclusão do ensino secundário e a posterior entrada na universidade constituiu-se o objetivo de grande parcela da população feminina que desejava ingressar no mercado de trabalho (AREND, 2013).

Se há poucas décadas o magistério constituía-se a profissão considerada própria para a mulher, nos anos 1960, abriam-se outras possibilidades de carreiras anteriormente consideradas masculinas. Engenharia, Administração de Empresas,

Economia, Jornalismo, Agronomia, Informática, entre outras, faziam parte da lista de profissões almeçadas pelas mulheres (AREND, 2013).

Ao longo dos anos de 1960, a mulher prossegue com o seu processo de emancipação, acessa espaços sociais e conquista direitos, o que contribui para a construção de novas imagens da mulher, porém o papel de “mãe”, de “dona de casa”, de “esposa” continuam a ser os mais valorizados.

A série de transformações ocorridas no Brasil, a partir dos anos 1960 e 1970, proporcionou às mulheres colocarem na pauta dos seus ideais e conquistas questões como: o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, qualificação e valorização proporcional, maior acesso à educação formal.

Ao longo dos anos 1960 e 1970, as diferenças curriculares entre alunos e alunas se dissolveriam, proporcionando melhores oportunidades às mulheres de concorrer a uma vaga na universidade e, claro, uma mudança de atitude com relação à educação superior da mulher. A escolaridade feminina seria vista como mais um passo na direção da independência financeira para as mulheres, além de uma forma de equiparar homens e mulheres na vida profissional. (PINSKY, 2013, p.514)

A partir da década de 1970, mulheres das classes média e alta puderam ter acesso a uma profissão, vislumbrar um destino que não fosse o casamento, ao tempo em que conferia independência financeira e, conseqüentemente, uma posição mais igualitária na relação conjugal. A família de fortes bases hierárquicas foi cedendo a uma de bases mais democráticas tanto no que se refere às relações entre homem e mulher, entre pais e filhos e principalmente à valorização das filhas (SCOTT, 2013).

Devido a questões relevantes que surgem no período, tais como: o poder de decisão sobre a maternidade, ocasionada pela disponibilização de métodos anticoncepcionais, a instituição do divórcio em dezembro de 1977, com a possibilidade de novos relacionamentos socialmente reconhecidos, acrescidas às modificações no campo educacional e profissional, o início da década de 1980 é tido como o momento em que ocorre “o fenômeno da ‘reinvenção da mulher’ e, conseqüentemente, de seus papéis na família e na sociedade” (AREND, 2013, p. 24).

Dessa forma, a família, a escola e a sociedade precisaram se modificar, atualizando condutas e expectativas em relação às meninas, adentrando os anos de 1980 e 1990 com uma visão mais moderna e condizente com o momento. Nas escolas, as aulas de educação sexual se tornaram comuns. A liberação sexual provocou modificações nos relacionamentos afetivos dos jovens, que no namoro adolescente já realizavam práticas sexuais. Destaca-se a mudança de foco no possível evento de uma gravidez indesejada. O que antes tinha um forte cunho moral agora dava espaço para as preocupações relativas ao impedimento da concretização de projetos relativos à carreira profissional da jovem mulher (AREND, 2013).

De acordo com Rosemberg (2013), é na década de 1980 que o estado se constituiu em cenário de atuação do movimento feminista, onde várias pautas reivindicatórias propõem discussões em várias áreas de atuação da mulher, criando órgãos e instituições para defender os direitos da mulher. Dentre esses a educação.

A educação das mulheres entrou na agenda da educação nacional dos anos 1990 quando o Brasil, como outros países da América Latina, viveu imenso processo de reforma educacionais impulsionadas por organizações internacionais (Unesco, Unicef, Banco Mundial, entre outras), subsumidas aos compromissos da campanha internacional 'Educação Para Todos'. (ROSEMBERG, 2013, p. 345)

No século XXI, as mulheres estão mais escolarizadas que os homens, estudam mais, porém ganham menos. Scott (2013, p. 25) diz que, o censo de 2010 mostrou que “As brasileiras têm um rendimento médio cerca de 30% menor que o dos seus conterrâneos”. Isso significa que, apesar do considerável aumento da escolarização das mulheres e do crescente acesso ao mercado de trabalho, permanece a desigualdade entre homens e mulheres.

Outra questão que tem sido alvo de debates é a distribuição das atividades domésticas, historicamente naturalizadas como coisas de mulher. Com a crescente industrialização do país ao longo dos séculos XX e XXI, e a necessidade de suprir as demandas do mercado, novas frentes de trabalho surgiram e permitiram, cada vez mais, a mulher assumir uma ocupação fora do ambiente doméstico (SCOTT, 2013). Disso resultou um aumento considerável de responsabilidades, já que além das atividades profissionais permanecem as de natureza doméstica. A “jornada

dupla” da mulher indica que ainda estão longe de conseguir uma paridade entre as suas responsabilidades sociais e a dos homens.

Concretizar tantas aspirações tem sido muito difícil para a mulher, a começar pelo ideário da “mãe abnegada”, comportamento arraigado na sua educação, em que se coloca em segundo plano mediante as necessidades da família. Choca-se portanto, a mulher moderna com a mãe. Ao tentar equilibrar trabalho e maternidade criam-se angústias pessoais, além dos agravos resultantes da sobrecarga de trabalho e discussões domésticas (PINSKY, 2013a).

O perfil da mulher brasileira vem se transformando, ao longo das últimas décadas, denotando modificações na sua forma de ser, de viver. Hoje, a mulher é autônoma para escolher o seu destino. O acesso à educação permitiu tomar as rédeas da sua vida e não ter a maternidade, como definidora da sua existência. Apesar dos avanços, superação de paradigmas e preconceitos, permanece a necessidade de haver uma maior equidade entre homens e mulheres.

3.2 A HISTÓRIA DA NATAÇÃO FEMININA E A EDUCAÇÃO DAS MULHERES

A valorização do exercício físico na educação brasileira acontece nas primeiras décadas do século XX, decorrente do Movimento Higienista que se instalou no Brasil desde o século XIX, e principalmente no primeiro governo de Getúlio Vargas, ganha força e poder político (GÓIS JUNIOR e SIMÕES, 2011).

O discurso desse movimento estava presente em vários setores da sociedade, dentre eles a família e a escola. Cuidar do corpo e da saúde era a orientação preconizada para educar a população brasileira. No governo Vargas, havia o interesse eugênico de “construir uma raça forte, que representasse o progresso da nação em expansão, que ingressava no processo de industrialização, principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro” (DEVIDE, 2004, p. 128). Para a realização desse objetivo, a prática da Educação Física se constituiu na possibilidade de regenerar a raça brasileira.

Nesse contexto, havia a necessidade de robustecer a mulher para que gerasse filhos fortes e saudáveis para a pátria em desenvolvimento, porém sem comprometer suas formas feminis, sua graça e sua beleza estética. De acordo com Devide (2004) a mulher foi alvo do discurso eugênico. Obras literárias sobre a Educação Feminina apoiavam-se na ideia de que uma nação forte não poderia ser formada com mulheres débeis e fracas fisicamente. Para exercer, de forma satisfatória, a função reprodutora, a mulher deveria exercitar-se de maneira a evitar moléstias e outras debilidades.

Este cenário propiciou a inserção da mulher no esporte, nas primeiras décadas do século XX, já que era apoiada pelo Estado brasileiro e por intelectuais da época (DEVIDE, 2004). Corroborando com essa afirmativa, Goellner (2005) diz que a educação feminina fez parte de um projeto nacional. Apesar dos interesses políticos na introdução das mulheres no esporte, para Devide (2004), o interesse da mulher em praticá-lo foi também motivado por questões individuais. Sobre a inserção da mulher em atividades físico-desportivas, Mourão (2000) analisa que foram de natureza relativamente voluntária e individual.

Nas primeiras décadas do século XX, a conquista do espaço feminino ainda caminhava a passos lentos. Apesar de alguns avanços, a educação da mulher priorizava atividades de cunho doméstico. “A educação pensada para elas era pouca, objetivando a leitura básica e a preparação para sua tarefa “natural” de dona do lar e parideira” (SILVA, 1988, p. 176). Esse pensamento, secularmente construído, deparava-se com as novas propostas de uma sociedade que se modernizava, a exemplo, o estímulo às práticas esportivas femininas. Apesar dos incentivos governamentais, essa prática era cercada de preconceitos e proibições, pois havia um certo estigma sobre a aceitação da mulher nesse território considerado masculino e masculinizante.

A ideia de adequação do esporte à biologia e função social da mulher favoreceu a prática de esportes como a natação, o remo e o turfe. Segundo Miguel e Rial (2013), a prática da natação feminina, decorre dos banhos de mar, que no final do século XIX, tinham um caráter relacionado a questões de saúde. Cercado por regras como os trajes mais adequados e até os horários que deveriam ser observados pela mulher, o banho de mar paulatinamente passa a ser um local de

convívio social, e de ensino e prática da natação. Nesse período, o rigor da educação das mulheres determinava que as “moças de família” deveriam tomar banho de mar de madrugada e separadas dos homens.

A natação preconizada para as mulheres, entretanto, era quase um balé, mais dança do que esporte; deveriam mover-se suavemente, deslizando sobre as águas, sem demonstrações de força que as colocassem num plano físico mais próximo ao dos homens. Leveza e graça, aliás, eram as habilidades requeridas das que se dedicavam aos exercícios físicos e mesmo aos esportes, pois no caso das mulheres, as atividades mais convenientes eram as que lhes garantissem levar a bom termo a função reprodutiva. (MIGUEL e RIAL, 2013, p. 159)

Com essas características, a natação foi popularizando-se como um esporte ideal para a mulher, por ser considerada benéfica para a sua função reprodutora, e por não alterar as formas femininas e sua graciosidade, “[...] a natação gozava de fama de dispensar a força muscular, portanto, não prejudicando as virtudes femininas de graciosa fragilidade impostas pelo machismo dominador” (LENK, 1982, p.17). A fala de Lenk revela os cuidados da época com a prática de exercícios físicos que fossem adequados à “natureza” feminina, de modo a não comprometer a representação social da mulher, definida por uma educação marcada pela dominação masculina.

Porém a prerrogativa da permissão da prática da natação pelas mulheres não impediu que as suas primeiras aparições para nadar em ambientes públicos, fossem cercadas de preconceitos, cuidados e restrições. Lenk (1982), relata sobre as enormes barreiras que nas primeiras décadas do século XX, um grupo de moças da colônia alemã teve que vencer ao se apresentar em público para nadar. Além de vencer os obstáculos da exposição pública, nadar deixava mais à mostra o corpo da mulher, motivo para envolvê-lo em trajes de banhos compostos por camisa e calça (MIGUEL e RIAL, 2013) e por abundantes dobras e babados (LENK, 1982).

A ausência de piscinas nas primeiras décadas do século XX favoreceu a natação no mar. LenK (1982) relata a atuação das “intrépidas” senhoritas Anésia Coelho e Alice Possalo, que, em 1925, fizeram a Travessia da Guanabara, cujo percurso era da Praia da Boa Viagem até a Praia das Virtudes, com distância de quase 5.000m.

Em São Paulo, desde o início do referido século, o rio Tietê, era palco de demonstrações e competições esportivas como o remo e a natação. Às margens deste rio instalaram-se vários clubes de regatas, que promoviam eventos aquáticos com eventuais provas de natação reservadas para as senhoritas com distâncias de 25m a 50m sem discriminação de estilo (LENK, 1982).

As primeiras aparições públicas das mulheres para a prática da natação, certamente foram alvo de preconceitos e resistências sociais. Havia o receio por parte das mulheres da elite de se tornarem vulgares (DEVIDE e VOTRE, 2012). Submetidas a uma educação conservadora e machista, que conferia ao homem a tutela das suas ações, eram por ele controladas, e, nos eventos esportivos, a presença do pai conferia segurança e proteção.

Em Salvador, nos relatos sobre a prática da natação esportiva no mar, publicados em jornais da década de 1920, não há referência à participação de mulheres. As práticas esportivas aquáticas eram realizadas principalmente nas enseadas do Porto da Barra e no Porto dos Tainheiros. Na manchete da primeira capa do jornal Diário da Bahia de 1923, intitulada “A inauguração de um bello Sport”, tem-se registrado, o que parece, o início da natação em Salvador. Ao descrever esse marco, o jornal refere-se exclusivamente à prática esportiva masculina.

Tanto quanto se pode esperar de uma prova inaugural, a de domingo revestiu-se de successo franco [...] Os quatro clubs náuticos fizeram-se representar: o Itapagipe [...] o Victoria [...] o Santa Cruz [...] e o S. Salvador [...] Uma “canoa” conduzindo 32 crowsers², sendo 8 de cada club, partia para uma distância de 200metros, em que elles se atiravam na agua, vindo, então, para terra [...] Está assim inaugurado esse “sport” e do seu completo êxito [...]. (DIÁRIO DA BAHIA, 1923, 18 dez.)

A natação no mar e em rios foi perdendo força para a natação em piscinas na medida em que os clubes começaram a construí-las. Provavelmente, o conforto e o potencial socializador dos clubes aliados a um espaço aquático mais adequado para o esporte tenham contribuído para atraírem, cada vez mais, competições para as suas dependências.

Em São Paulo, no ano de 1926, o Club Athletico Paulistano, construiu a primeira piscina em São Paulo (DEVIDE, 2012). No Rio de Janeiro, o clube pioneiro

foi o Fluminense Football Club (FFC) que construiu a sua piscina em 1919. Foi na piscina do FFC, que ocorreram as primeiras provas femininas.

Em 8 de fevereiro de 1920, o clube promoveu uma festa aquática com 15 provas, três para senhoras e senhoritas. Primeira competição de natação carioca com provas para mulheres, o evento abriu as portas para mulheres de elite nas piscinas, com talentos que deixaram seus nomes na história deste esporte. (DEVIDE, 2012, p. 220)

Na cidade de Salvador, o Yatch Clube da Bahia inaugurou em 17 de julho de 1938 a primeira piscina olímpica da Bahia, estando presente a grande nadadora brasileira Piedade Coutinho. Ao que parece, as exibições relatadas por Maia (1995) de lançamento das plataformas de 5m e de 10m de altura em saltos ornamentais, e as provas de “três estilos” (3x50m), “nado peito” (50m), “nado livre” (50m) e “nado livre” (4x50m) que ocorreram no dia da inauguração, foram realizadas apenas por homens.

Vale ressaltar que a piscina era salgada. Possuía um sistema que bombeada a água do mar para dentro dela.

Visto do mar, o trampolim de saltos da piscina “luxuosa” que se inaugurava, parecia o longo pescoço de uma girafa ou de um dinossauro, a olhar para o “bello tanque natatório” [...] A inauguração da piscina [...] aglomerou tanta gente à sua volta – homens engravatados e mulheres com vestidos abaixo dos joelhos – que todos os corpos pareciam interligados [...]. (MAIA, 1995, p.77)

Nota-se desde o início da natação feminina, a participação de mulheres das classes mais elitizadas. Isso se afirma quando os clubes passam a ser os espaços prediletos para a prática da natação. Sem fugir a essa regra, no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX a natação era um dos esportes mais preferidos pelas mulheres das classes média e alta. De acordo Devidé (2004),

Famílias da elite carioca participavam de competições esportivas nos clubes como um hábito familiar, o que servia como uma forma de projeção das mulheres, que começavam a frequentar os clubes esportivos de elite, como o Jockey e o Fluminense Football Club (FFC). Este último, pioneiro no incentivo às práticas físicas femininas através de seu departamento feminino, fundado em 1918 [...].

A popularização como esporte adequado para mulheres, favoreceu à natação o pioneirismo de ser um dos primeiros esportes competitivos praticado por

mulheres. Para Miguel e Rial (2013, p. 159), “não é coincidência que a primeira participação de uma brasileira (e sul-americana) em uma Olimpíada (a de Los Angeles em 1932) tenha sido de uma nadadora”. Referem-se os autores à atleta Maria Lenk, que com a sua participação marcou a história da natação feminina brasileira. A participação de Maria Lenk contribuiu para a divulgação da imagem da atleta de competição, já que o papel da mulher, no esporte, era em grande medida, a assistência, a arquibancada (GOLLNER, 2005; MIGUEL e RIAL (2013).

A prática feminina dessa modalidade se difunde ao longo das décadas iniciais do século XX, chegando aos anos 1950, como um dos esportes prediletos para as mulheres. Sobre isso, o Jornal dos Sports (apud MOURÃO, 1996, p. 61) diz: “Depois da natação, o tênis é o esporte mais aconselhável para a mulher pela ação benéfica de sua prática em favor da estética feminina [...]”.

Na década de 1950, a mulher esportista estava em plena expansão, no entanto, o artigo 54 do Decreto-lei 3.1999, de 1941 dizia: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Esse decreto que vigorou até 1975, incorporava, segundo Mourão (2000), as representações sociais do feminino, o papel reprodutor da mulher. Vale ressaltar que,

Em 1965 o Conselho Nacional de Desportos estabeleceu regras para a participação feminina nos esportes e, através da Deliberação 7, estipulou: ‘Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseboll.’ (MOURÃO, 2000, p.9)

Fica evidente que os avanços da mulher no campo esportivo sofreram, além das resistências sociais, impedimentos legais, o que postergou o seu acesso a práticas esportivas consideradas “nocivas” à sua “natureza”, e, portanto, não adequadas à sua educação. Para Goellner (2005), a prática esportiva feminina causava temor, porque desestabilizava o terreno masculino, assentado no discurso biológico da inferioridade feminina.

No entanto, as proibições e restrições não impediram que as mulheres desconstruíssem as teorias biológicas vigentes, demonstrando potencialidades e habilidades atléticas, e, pouco a pouco, foram se apropriando do campo esportivo,

incorporando-o às suas vidas, sejam na perspectiva do lazer, da saúde ou do rendimento.

Como foi dito, na década de 1950, houve um avanço da mulher no esporte. A respeito da democratização do esporte feminino, no Rio de Janeiro, Mourão (2000), aponta que os Jogos Olímpicos da Primavera, também conhecidos como as Olimpíadas Femininas, realizados nos anos 50, no Rio de Janeiro, contribuiu para incentivar e visibilizar a participação feminina no esporte. Segundo a autora, foi um período de apropriação de um espaço tipicamente masculino, quando as resistências e preconceitos foram sendo lentamente vencidos, modificando representações sociais que tipificavam a mulher. De acordo Mourão, essa apropriação deu-se pela via da conciliação, sem lutas e embates, já que não tinha como intenção mudar a condição feminina, a ordem social que se impunha, ou a hierarquia de gênero à época.

Nos anos de 1950, em outras localidades do país, emergiam grandes eventos esportivos femininos, que contribuíram para incentivar a participação das mulheres nos esportes, dentre eles a natação. Goellner (2005) cita, por exemplo, a criação em 1954 dos Jogos Abertos Femininos em Porto Alegre, que aconteceu até meados dos anos de 1960. Para a autora, os eventos esportivos surgidos no país, neste período, “possibilitaram a emergência de atletas mais qualificadas para disputar eventos nacionais e internacionais” (GOELLNER, 2005, p.93).

Apesar desse crescente avanço da mulher na prática esportiva na década de 1950, dos novos ares de modernidade que bafejavam o país e a cidade, a educação da mulher ainda orientava para o casamento, para os cuidados do lar e da família. A aparência, os cuidados com o corpo, com os filhos, dentre outros, tinham um papel de destaque.

De acordo Deivid (2012), se desde o seu início até as primeiras décadas do século XX, a prática da natação viabilizou as mulheres conquistarem o espaço público, devido à adequação ao projeto eugênico do estado, a partir dos anos de 1960, o desenvolvimento da natação feminina desacelerou. O autor atribui essa diminuição no desenvolvimento da natação feminina às resistências sociais que até então haviam ficado veladas, e que emergiam contra a masculinização dos corpos provocada pelo treinamento de alto rendimento. Goellner (2012) aponta que, um dos

motivos do afastamento das mulheres de determinadas práticas esportivas, é a crença de que masculinizam os corpos. Exemplo disso é o medo do alargamento dos ombros com a prática da natação.

As resistências sociais referidas pelo autor podem ser atribuídas ao modelo de educação da mulher nos anos de 1960. Apesar da crescente emancipação feminina, “a mudança nas mentalidades não acompanhou no mesmo ritmo [...]” (PINSKY, 2013b, p.506). Nesse período, mediam forças a educação conservadora e as mudanças sociais, educacionais, políticas e econômicas que impulsionavam a mulher para outras esferas sociais. Dessa forma, o estereótipo feminino ainda orbitava no universo da delicadeza, da mãe, da esposa, dos corpos graciosos, que subjetivamente assentavam a mulher no seu lugar de sempre.

Corpos mais musculosos e características consideradas tipicamente masculinas, como a competitividade, a determinação, a força, necessárias para as mulheres atletas acessarem bons níveis de competitividade, geravam preconceitos e resistências, porque as colocavam num outro lugar. Esse outro lugar vinha na contramão de uma educação que “inculcou pseudoverdades” naturalizando a passividade, a incapacidade, a não racionalidade, como características da mulher.

No levantamento de textos sobre a Educação Física e o esporte, Rosemberg (1995, p.275) constata que:

Tais atividades estavam, e ainda estão, intensamente associadas a componentes viris, vinculados a agressividade, competitividade e força física – atributos do guerreiro –, incompatíveis com o pudor, a fragilidade e a doçura – atributos da fêmea que procria.

A preocupação com o desenvolvimento dos ombros também tem sido um fator que tem afastado várias meninas e jovens desse esporte. Esse temor parte na maioria das vezes das mães de crianças e jovens alunas/atletas e de mulheres que têm interesse pelo esporte, mas tem receio de que os ombros fiquem grandes. A respeito disso, Devidé (2012, p. 214) narra:

Dentre as nadadoras mais jovens, Geórgia Gonzalez declarou ter de vivenciar gozações na escola, com frases do tipo: “Olha lá o ombro dela”, o que a fazia optar pelas blusas de mangas compridas, para esconder o corpo atlético.

Essa situação ocorrida na década de 1980 parece ser resultante de uma imagem de corpo construída historicamente para as mulheres. Podemos supor que, no imaginário social, a função reprodutora da mulher deva saltar do seu corpo, projetando um quadril avantajado e propício para a sua função social; gerar filhos.

Além da masculinização, outras questões surgem no processo histórico da participação da mulher na natação. Ao discutir sobre permanência de jovens nadadoras na natação competitiva, Devidé (2013) aponta a cobrança sofrida pelas nadadoras da década de 1970, sobre a realização do casamento e a formação de uma família. Isso demonstra que, apesar desse período apresentar avanços no campo esportivo, na educação formal, no acesso ao mercado de trabalho, e na liberdade das mulheres, não foram suficientes para superar a educação conservadora que conferia o casamento e a formação de uma família como principal propósito para ela.

Outra questão que emerge nesse período é número inferior de convites, que as atletas recebiam para irem treinar fora do país, quando comparados aos dos nadadores, demonstrando a predominância de interesse pelo esporte masculino, o que resulta em desigualdade de oportunidades (DEVIDE, 2012).

A predominância de interesse pelo esporte masculino permanece até os dias atuais. Disto resulta uma menor visibilidade para o esporte feminino, e demonstra que ainda persistem diferenças que marcam o território de gênero, apontando que o esporte é um *lócus* em que a mulher ainda não conseguiu paridade com os homens.

A distinção de oportunidades entre homens e mulheres resulta da forma como a educação se constitui numa determinada sociedade. No caso do esporte feminino, e nele se inclui a natação, podemos dizer que no Brasil, a herança da educação colonial, caracteristicamente machista, está longe de ser desconstruída.

Devidé (2012) aponta em seu estudo outras dificuldades encontradas pelas nadadoras, ao longo dos anos, são elas: conciliar esporte e estudos; temor dos namorados em relação à perda da feminilidade; discriminação em relação à idade; falta de patrocínio; ausência de planejamento na natação feminina; índices de participação incoerentes com a realidade nacional; falta de apoio e de oportunidades para disputarem em competições internacionais; falta de investimentos. Sobre esse

último, uma das atletas entrevistadas pelo autor, fala sobre os “critérios desiguais” no investimento da natação masculina e a feminina. A atleta afirma que a equipe masculina primeiro recebe o investimento e posteriormente apresenta o resultado, já na equipe feminina, o investimento só ocorre após ela ter mostrado resultado.

Frente a tantas dificuldades e desigualdades, algumas atletas de projeção nacional e internacional têm sido combativas, denunciando via mídias, e também em protestos, a insatisfação quanto ao tratamento que tem sido oferecido para a natação feminina, durante todos esses anos. Porém os depoimentos e desabafos das nadadoras não são suficientes para gerar resultados mais efetivos. Para Goellner (2005, p. 92), “as conquistas resultam muito mais do esforço individual e de pequenos grupos de mulheres (e também de homens) do que de uma efetiva política nacional [...]”.

O desânimo, frente a tantos impedimentos, tem sido responsáveis pela desistência de muitos talentos que precocemente deixam a natação. Sendo o esporte um espaço de reserva masculina, blinda o acesso das mulheres às suas várias instâncias, comprometendo o crescimento dessa prática esportiva.

Portanto, a área esportiva, e dentro dela se situa a natação, demonstra o quanto a educação das mulheres precisa ser modificada de maneira a quebrar as barreiras, os estigmas, os preconceitos, para que possam ter os mesmos direitos que os homens.

4 APRENDENDO NO BALANÇO DAS ONDAS: O QUE O MAR NOS ENSINOU?

Nesse capítulo privilegiamos as memórias das mulheres que fizeram e fazem a história feminina da Travessia Mar Grande-Salvador. Cada uma dessas mulheres tem uma história particular com a Travessia. Em um determinado momento das suas vidas escolheram desafiar-se nas águas da Baía de Todos os Santos e percorrer braçada a braçada, a distância que separa a Ilha de Itaparica de Salvador. Quem são essas mulheres, como, quando e por que essa história começa? Como foi essa experiência? Quais as resistências e incentivos sociais encontrados? Quais os sentidos e significados para a sua educação? É o que pretendemos saber.

Era uma vez... quatro mulheres, que um dia resolveram participar de uma grande aventura; atravessar a nado a Baía de Todos os Santos. Acreditaram que “mulher pode tudo”, e se lançaram no desafio de vencer as ondas e correntezas do mar aberto. São essas mulheres que acreditaram em si e no seu sonho, que iremos apresentar.

ANGELA MARIA CARVALHO

Eu sou professora, nasci em 14 de janeiro de 1938, em Salvador, embora tenha sido criada no Rio de Janeiro, sou baiana com muito orgulho! (ANGELA MARIA CARVALHO, 24 fev. 2017)

Em 22 de janeiro de 1956, Angela Maria Carvalho inicia a história da participação feminina na Travessia Mar Grande-Salvador. Ela faz parte de uma geração que aprendeu a nadar no mar. Nos anos de 1950, havia poucas piscinas no Brasil, o que favorecia a natação nas enseadas do litoral brasileiro e em rios.

Eu morava em frente a praia. Eu aprendi no mar. Eu aprendi na praia do Flamengo, a nadar na praia do Flamengo. O Flamengo não tinha piscina, era no barco, era no mar. Eu aprendi na praia do Flamengo por um remador baiano, eu não sei se ele era baiano, mas ele vivia aqui na Bahia, era o Claudionor, ele foi campeão brasileiro de remo, [...] ele me ensinou a nadar, e ele que me levou para o clube do Flamengo.

Ao retornar para Salvador em 1951, Angela, já atleta do Flamengo rememora:

E quando eu cheguei aqui [...] eu não podia nadar, não podia competir porque eu era atleta do Flamengo e tinha que ficar um ano de estágio. Como eu morava em Itapagipe, o que é que eu fiz: comecei a nadar no mar, eu não tinha piscina, eu comecei a nadar no mar.

Conta que, naquela época, todo mundo nadava no mar. “Nadar de Ribeira a Plataforma, era o treino da gente, aí comecei de Ribeira a Plataforma, dava a Volta na Península, que eram 5000m, aí me interessei pela natação de travessia, porque não precisava ser filiada à federação.” A partir do momento em que fez a Volta da Península acreditou que podia fazer a Travessia Mar Grande-Salvador.

Eu tenho mania de ser a primeira a fazer, eu sempre estive à frente do meu tempo, porque eu acho que a mulher pode tudo, embora seja contra o movimento feminista, eu acho que a mulher pode tudo [...]. Em 55 foi feita a primeira Travessia, aí eu disse, bom mulher pode também. Aí foi aquela coisa, pode, é perigoso, não sei o quê, mulher pode. Aí eu me inscrevi e fui, e cheguei a Salvador, embora não tenha entrado no funil, eu cheguei a Salvador. Então, a Travessia Mar Grande-Salvador foi feita. Eu saí de Mar Grande até Salvador.

Surpreendente é saber que ela tinha outro sonho. Para Angela Maria, fazer a Mar Grande tinha outro propósito.

Meu sonho era o Canal da Mancha! [...] A Mar Grande veio como treino para o Canal da Mancha, porque eu desde menina, eu achava que podia fazer o Canal da Mancha. E era meu sonho! E eu não tentei fazer por causa da... eu me casei. Só por isso que eu não tentei fazer o Canal da Mancha, mas era o meu sonho!

O sonho de Angela não pode se concretizar. Sobre o porquê disso, ela narra:

Teve uma festa no Tororó, e eu fui convidada [...] era a heroína da Travessia Mar Grande-Salvador, eu fui convidada pra nadar no Dique [...] ali é areia movediça, ali tem doença [...] As pessoas [...] inclusive meu pai, foi todo mundo contra [...] Não faz mal, eu nado de costas, não vou beber água [...] Aí quando eu cheguei [...] tinha um palanque armado, estava o prefeito, estava todo mundo, o pessoal gritava meu nome, parecia Roberto Carlos chegando num lugar! [...] eu estava namorando nessa época [...] no outro dia meu namorado foi na repartição de meu pai e pediu a minha mão em casamento, quando chegou de noite eu já estava noiva e não sabia, e aí me proibiu de nadar! Eu era rebelde mas não fui tanto! Aí parei de nadar.

Para Verón (1980, p. 173) “[...] é impossível conceber qualquer fenômeno de sentido à margem do trabalho significativo de uma cultura, seja ela qual for, e, por

consequente, fora de uma sociedade determinada”. Essa afirmativa nos ajuda a compreender o discurso de Angela Maria, ao rememorar a sua história. Sua experiência se passa nos anos de 1950, época em que a mulher inicia seu processo emancipatório ao mesmo tempo em que os costumes e comportamentos conservadores ainda fazem parte da sua educação. Pinsky (2015) fala que na família modelo da época, o homem tinha autoridade e poder sobre a mulher. Para a mulher não havia possibilidades de contestação.

Essa realidade, talvez possa explicar a contradição do discurso de Angela, quando diz: “aí eu disse: bom, mulher pode também.”, essa afirmativa demonstra acreditar que nada é impossível para a mulher, revelando, assim, um perfil mais liberal para a época. No entanto, ao se submeter à imposição do noivo encarna a mulher submissa, que acata as decisões do marido sem contestação, abdicando dos seus sonhos, o que configura um comportamento tipicamente conservador.

MARILIA BARREIROS CORREIA DE MELO

Marília Barreiros Correia de Melo, nascida em 13 de março de 1938. Sou formada em engenheira civil e de petróleo. Trabalhei 30 anos na Petrobrás. (MARILIA BARREIROS, 07 mar. 2017)

A soteropolitana Marília tem o mérito de ter sido a primeira mulher a atravessar o funil de chegada da Travessia, em 20 de janeiro de 1957. Semelhante à sua conterrânea Angela, também aprendeu a nadar no mar. Em 1944, aos 6 anos de idade, foi morar em Itapagipe. Assim recorda:

Aprendi a nadar lá. E minha casa era a 50m do mar. Então 5h, 6h da manhã eu pulava a janela, eu e minha irmã, e a gente ia pro mar. O povo passava e dizia: Oh os peixinhos nadando! Oh os peixinhos nadando! Já naquela época eu gostava de nadar no mar.

Na época da primeira Travessia Mar Grande-Salvador, Marília, já era atleta filiada pelo Esporte Clube Vitória, e treinava, na piscina do Instituto Normal da Bahia, local em que estudava. Além de nadar em provas de piscina, já tinha feito a prova

dos 5.000m metros em Itapagipe, que, segundo ela, saía do Porto dos Tanheiros até a Ponte do Crush. Era a prova dos Diários Associados. Sobre a sua história com a Travessia Mar Grande-Salvador conta que começou assim:

[...] a primeira Travessia foi um desafio entre duas pessoas, eu ouvi o desafio na rádio Cruzeiro, e me entusiasmei, eu era novinha! Aí eu disse: Ah! Para o ano eu vou fazer essa Travessia! Só que no ano seguinte, eu não tinha a idade pra fazer a Travessia, só podia ser com dezoito anos, seria a segunda. Aí esperei ter os dezoito anos. Então pude participar da III Mar Grande – Salvador que foi em 20 de janeiro de 1957.

Para Marília, a ideia de atravessar de Mar Grande até Salvador a entusiasmou. Além disso, já tinha participado de duas provas no mar. “Eu tinha ouvido pelo rádio, tinha participado das outras duas, né? Então aquilo me encantou, de vir de Mar Grande, enfrentar aquelas ondas, aquelas marés forte e tal.”

A narrativa da nadadora, ao se referir ao enfrentamento com o mar, revela coragem, gosto pelo desafio, pela aventura, enfim, características normalmente atribuídas aos homens. Apesar do modelo de mulher nesse período ter a fragilidade, como um dos seus traços, Marília se destaca com um perfil nada convencional para a época.

DESIRÉE DALIA

Nasci em 12 de novembro de 1955, na cidade de São Paulo e tenho formação em Ciências Econômicas e Licenciatura Plena em Educação Física. (DESIRÉE DALIA, 13 mai. 2016)

Desirée, nadadora com maior número de participações feminina na Travessia Mar Grande-Salvador, conta: “A Travessia Mar Grande–Salvador [...] entrou na minha vida quando eu descobri a natação como um esporte que mais era compatível com minha aptidão física.”

Na época, era corredora de fundo e, num campeonato que participou pela COELBA, empresa em que trabalhava, foi recrutada para nadar um revezamento porque faltara uma nadadora. Participou, ganhou, e se encantou! A partir daí voltou a nadar. Sendo naturalmente uma fundista começou a participar de provas mais longas na piscina e posteriormente de longa distância no mar.

Para ela, “a Mar Grande-Salvador, na verdade, ela é o grande gol, o grande objetivo de uma nadadora de longa distância, principalmente na cultura aqui da Bahia. [...] porque é uma travessia que é uma tradição, tem mais de 50 anos [...] é um desafio”.

Percebe-se, na narrativa da entrevistada, que a Travessia é o ponto de culminância para quem faz provas de longa distância, é o grande prêmio, nas suas palavras, “o grande gol”, além de ser um desafio. Talvez vencer dificuldades, testar e superar a si mesma sejam o estímulo que a fez participar de 22 edições da competição. Essa repetência pode ser um indicativo do lugar que a Travessia ocupa na sua vida.

FERNANDA SILVA SCHER

Meu nome é Fernanda Silva Scher, nasci no dia 30 de dezembro de 1991, sou formada, graduada em Saúde Coletiva e sou sanitarista, profissão que eu exerço. (FERNANDA SCHER, 28 dez. 2016)

Fernanda aprendeu a nadar aos três anos de idade, e aos cinco anos participou da sua primeira competição. Continuou a nadar nos colégios em que estudava, e sempre participava de campeonatos intercolégiais. Porém em 2004 após ter participado de um campeonato escolar e ter sido convidada para fazer parte da equipe da sua escola, sofreu um acidente de carro. Assim rememora sobre esse dia:

[...] eu fiquei super feliz, contente, né? Que ía ser legal! E nesse dia do campeonato, na noite, eu sofri um acidente de carro [...] quebrei algumas vértebras [...] Fiquei internada um bom tempo [...] uns 2 meses [...] era uma época em que eu estava treinando muito [...] e já começando a entrar para a equipe, eu estava toda feliz com a ideia de poder levar mais a sério a natação, aquele *hobby* que eu tinha na escola de nadar, e eu fui criada perto da praia [...] Então desde pequena eu tinha contato com o mar muito grande, [...] e amava estar na água [...] e...a primeira pergunta que eu fiz assim pro médico foi quando, eu podia voltar a nadar.

Mesmo tendo como resposta a não indicação para a prática da natação, ignorou a recomendação médica, e após um ano e pouco, voltou a nadar. Durante alguns anos, frequentou a natação, porém de forma pouco assídua, até que um dia

resolveu treinar para fazer maratona aquática. Fernanda não tinha o sonho de fazer a Mar Grande, apesar de admirar as pessoas que faziam a prova, inclusive achava que era quase impossível para ela. O que ela queria era competir no mar.

Eu sempre tive vontade de competir maratona aquática, e eu via assim as reportagens, eu via Ana Marcela, que tem a mesma idade que eu, eu acompanhei o crescimento dela, a carreira dela, assim pela televisão, né? Então, eu, poxa! Eu tenho nadado na piscina a vida toda, preciso me desafiar e nadar no mar.

O depoimento de Fernanda quando se reporta a Ana Marcela, mostra a importância da visibilidade como elemento motivador para que outras mulheres se interessem e participem das práticas esportivas. A respeito desse aspecto, Goelner (2012) diz que, apesar de algumas conquistas, há uma dissonância entre homens e mulheres no que se refere a práticas esportivas nas suas várias instâncias. A educação dos meninos privilegia atividades mais dinâmicas do que a educação das meninas, principalmente certas modalidades esportivas, o que termina por não criar uma cultura esportiva feminina.

Outro elemento que emerge da fala de Fernanda, é o desafio, essa vontade de se deparar com o novo, com o desconhecido. Nesse caso, a vontade pessoal é reforçada pela valorização da atleta Ana Marcela.

Analisando as narrativas das entrevistadas, percebemos que a vontade pessoal parece ter sido o maior estímulo para realizarem a Travessia. O desafio evidencia-se em quase todas as falas apontando um perfil aventureiro historicamente mais identificado como uma característica masculina. A proximidade com o mar possivelmente contribuiu para que algumas dessas mulheres não vissem a Travessia como algo impossível.

4.1 ONDAS E CORRENTEZAS DA EXPERIÊNCIA

A decisão de participar de uma prova de natação, como a Travessia Mar Grande-Salvador, exige da mulher não apenas saber nadar e ter coragem para executar o seu objetivo, mas também a capacidade de superar e enfrentar os

desafios que essa escolha lhe proporciona. Modificar hábitos, comportamentos, abdicar de coisas que até então faziam parte da sua vida, enfrentar as resistências sociais são barreiras a superar. Porém, muitas vezes, essas ondas e correntezas que atravessam o percurso são amenizadas pelo apoio de familiares e amigos, pelo reconhecimento e admiração das pessoas e principalmente pelo prazer do objetivo alcançado.

Aquela Travessia foi uma festa! [...] e o mais bonito foram as homenagens que eu recebi. É isso que pra mim é um orgulho. Porque, eu acho que..é uma história que não pode acabar. (ANGELA MARIA CARVALHO, 24 fev. 2017)

A participação de Angela é um marco para a história da natação feminina. Mulheres como ela abrem os caminhos, quebram paradigmas, servem de inspiração para outras mulheres, numa época em que “[...] a mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais [...]” (PINSKY, 2015, P. 610).

Ela narra que mesmo sendo chamada “a heroína da Travessia Mar Grande-Salvador”, não se considera como tal. “Pra mim é muito bom, porque eu não me sinto heroína, mas acho que foi muito importante e outras vieram atrás de mim”.

Conta também que, a repercussão foi grande. “Todas as lojas grandes da rua Chile tinham meus retratos. Eu passava pela rua e o pessoal gritava Angela Maria! Eu parecia artista, sabe? Só faltava dar autógrafos (risos). Angela Maria! Angela Maria! Todo canto que eu passava era assim”.

Essa grande repercussão é natural no período em que a sua participação se inicia. A Travessia de 1955 tinha sido um sucesso, causando uma grande movimentação na cidade e em Mar Grande. A participação feminina em 1956 acrescentou mais brilhantismo à competição.

Rememora que, ao chegar a Mar Grande, na noite anterior à prova, a ponte estava cheia de gente. As pessoas gritavam seu nome e batiam palmas.

Aí chegou um senhor junto de mim e disse assim: eu posso apertar a sua mão? Eu disse pra mim: Pode. Ai apertei a mão dele pra dar boa noite. [...] ele virou pra meu pai e disse assim: é como se Nossa Senhora tivesse tocado a mão na minha cabeça. Quer dizer: isso é uma coisa muito linda!

Uma semana depois, foi convidada por um morador de Mar Grande a participar de um almoço em sua homenagem. Lembra:

Quando eu cheguei na casa dele, ele fez assim: Nossa Senhora atravessou a minha porta! [...] Olha! [...] eu até dizia que era pecado, [...] mas eu tinha que dar risada, aceitar, e me emocionar, porque eles achavam assim, eles acharam que eu era uma pessoa diferente! Que eu era superior a tudo. Então eles achavam que era um absurdo, uma mulher fazer Mar Grande – Salvador, isso era um ato heróico.

Apesar da natação no mar ser uma realidade nos anos de 1950, e de existirem clubes como o Esporte Clube Vitória, o de Natação e Regatas São Salvador, que possuíam equipe de nadadoras, a visibilidade da natação feminina era pequena, o que provavelmente causava estranheza para pessoas que não eram envolvidas com o esporte. Ser considerada heroína e comparada a Nossa Senhora refletem essa realidade.

Apesar da receptividade e admiração que causava também houve resistência.

[...] teve muita gente que duvidou, inclusive, mulheres. Achavam que eu não ía fazer. Achavam que eu queria aparecer, que eu não ia fazer, que mulher não podia fazer. Antigamente as mulheres eram muito dona de casa, as moças eram criadas bordando, tocando piano, eu aprendi, eu sei bordar e sei tocar piano, eu sei tudo, mas eu também sabia nadar, eu também sabia andar de bicicleta, né? [...] Aí, o que é que acontece, eles achavam que uma mulher não podia fazer aquilo, então que eu estava fazendo pra me exhibir. Ninguém entendia que não era por exibição, era por vocação, por gostar, por achar que podia, por acreditar que a mulher pode tudo, porque eu acho que a mulher pode.

O depoimento de Angela remete a Pinsky (2013b), quando esta discorre sobre a educação da mulher nos anos de 1950. Apesar dos avanços e incentivos para novas práticas, como o esporte, a educação da mulher preservava hábitos, costumes, comportamentos, enfim uma educação, que a preparasse para desenvolver o papel social de dona de casa, mãe e esposa.

Ainda sobre as resistências da época, relata também a preocupação que havia com a masculinização do corpo. “O pessoal dizia que quem nadava, a mulher que nadava ficava com muito músculo, com o ombro mais largo.” Essa ideia, expressa a preocupação com a perda da feminilidade da mulher, tão valorizada nos Anos Dourados.

O apoio de amigos, dos diretores de clubes, de Dr. Jorge Calmon, redator do jornal A Tarde, e principalmente do pai de Angela, foram importantes para que realizasse a Travessia. Sobre seu pai recorda:

Meu pai foi tudo na minha vida, pra ele eu era uma heroína [...]. Tinha dias que meu pai chegava na beira do cais às nove horas da noite, e fazia assim: quer que eu mande a cama? Porque eu estava dentro d'água nadando. Oito horas, nove horas, eu estava dentro d'água nadando.

A preparação para a Travessia incluía uma rotina de treinos dividida em dois períodos. Pela manhã era acordada (com as pedrinhas jogadas na janela de seu quarto). Era assim que seu técnico, Eduardo Gantois, às 6h a acordava. “Íamos pra praia e treinávamos de seis horas até sete e pouca da manhã no mar. Minha escola começava às 8h. “[...] de tarde, quando chegava assim quatro, cinco horas, a gente caia pra nadar de novo. Eu treinava de costas. Eu só nadava costas”.

A respeito da sua primeira experiência na Travessia Mar Grande-Salvador rememora sobre a dificuldade de chegar:

Foi, foi a maré. Eu vim guiada errada. É foi meu pai que veio me guiando, meu pai não sabia, não conhecia, foi Zé Liberato até que explicou pra ele. [...] nós saímos em direção ao Monte Serrat. Do Monte Serrat nós viemos para o elevador, foi o trajeto que eu fiz. E do elevador, a gente era pra vir pro Porto da Barra, porque não tinha funil [...] Aí quando nós chegamos ali mais ou menos pela Preguiça, [...] a maré estava puxando muito, já tinha interrompido o horário, já tinha quase acabado o horário da prova, muita gente parou por causa do horário da prova.

Relativo à conclusão da prova, ela comenta:

[...] Aí o quê que a marinha fez: foi a marinha que chegou junto de mim, e disse que eu já tinha atravessado mas que não tinha mais nem tempo de eu chegar no Porto da Barra. [...] Era a segunda Travessia então não tinha um horário [...] eu vinha nadando de costas, e guiada errada. Eu cheguei no mesmo lugar que José Liberato chegou.

A nadadora cita José Liberato, porque na Travessia anterior ele foi considerado campeão da prova, mesmo não chegando ao Porto da Barra. O funil de chegada, no Porto da Barra, só foi implantado na III Travessia Mar Grande-Salvador.

Então o que foi que a comissão resolveu: que ia me considerar campeã da prova porque eu tinha completado Mar Grande–Salvador, e tinha chegado no mesmo lugar que o primeiro nadador tinha chegado e tinha sido considerado campeão. Isso está escrito no jornal.

Angela participou das duas primeiras Travessias, porém a experiência da segunda, a fez desistir de outras participações. Conta que a segunda foi a “sua principal vitória e principal derrota”. Assim rememora:

Eu vim guiada por Tavinho. Cheguei a Salvador na frente de todo mundo, na casa amarela. Na frente de todo mundo! Aí encostou uma lancha, [...] e fez assim: Amilcar sua filha ganhou! Embica pro funil que sua filha ganhou! Que não tem ninguém no Porto. Não tinha chegado nem homem!

Lembra que seu guia foi contra, porque queria levá-la bordeando a costa para não pegar a correnteza, mas não teve força suficiente, para demover a ideia do homem da lancha e do seu pai. Partiram rumo ao Porto, para entrar no funil, porém a maré não permitia entrar no Porto, foi levada para trás do Farol da Barra. Relembra:

O funil ali e eu aqui. Eu nadando de costas, depois de ter nadado a prova toda, ali atrás do forte brigando pra voltar pra cá. Aí eu comecei a chorar dentro d’água, não conseguia mais nadar, porque eu via o funil ali, não tinha ninguém chegado ainda. Ai eu tinha feito uma hora e pouquinho, falaram uma hora e pouquinho, aí entrei no desespero, ai eu saí, disse não adianta. Aí os bombeiros foram gritaram: vocês querem matar a moça? Em cima das pedras, fizeram um escândalo ali em cima da pedra.

Segundo ela, os bombeiros a fizeram sair da água em frente ao Hospital Espanhol. Fizeram um cordão de isolamento para ela passar.

Eu saí andando [...] todo mundo gritando Angela Maria! Angela Maria! Angela Maria! É campeã! É campeã! É campeã! E aí os Araponga na minha frente dizendo: essa moça acabou de atravessar! Foi a primeira a chegar! Não tem nem homem! Fez um comício ali na frente do Hospital Espanhol. Eu abaixei a cabeça e saí chorando. Aí entrei no carro do taxi e fui embora pra casa. Eu já estava no comércio, quando eu ouvi no rádio que Marília estava chegando. Eu já estava lá no comércio.

Essa segunda experiência fez com que Angela Maria, nunca mais quisesse atravessar a Mar Grande-Salvador, mas, não guarda tristeza apenas lembranças!

A experiência de Angela revela desafios, concessões e representações que refletem a educação da mulher nos anos de 1950; uma mulher que inicia o alargamento de seu espaço, porém convive com uma educação que conserva e valoriza papéis sociais histórica e culturalmente construídos para as mulheres. O seu pioneirismo marca a história da natação em águas abertas e a educação da mulher de seu tempo.

Marília, nadadora da mesma geração de Angela, participou da terceira edição da Mar Grande-Salvador. Em sua entrevista afirma não ter sofrido resistências sociais, apenas recorda que seu técnico da época, Aurino Almeida, achava que ela não devia fazer a Travessia. Sobre a sua reação, ela comenta: “Eu também não ligava para a opinião de ninguém. Eu queria, era fazer o que eu queria”.

Talvez pelo fato de a primeira barreira ter sido quebrada por Angela, o estranhamento das pessoas tivesse sido reduzido. Analisando a fala “Eu queria, era fazer, o que eu queria”, também leva a supor, que a sua “independência e autonomia” podem não ter considerado significativa as possíveis resistências sociais.

Semelhante a Angela Maria, o seu pai a apoiou quando decidiu participar da prova. Em suas narrativas, Angela e Marília referem-se ao apoio recebido pelos pais. Ambos tinham sido ex-atletas de remo, o que talvez tenha influenciado a receptividade, aceitando a escolha das filhas de forma natural. Para Mourão (2000), no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a prática de atividades físico-desportivas femininas, era facilitada, sobretudo, quando tinha o apoio familiar.

Conta com muita alegria e satisfação que saía de Quintas para treinar no Porto da Barra.

Pegava o ônibus e vinha treinar no Porto da Barra. No mar, ali, no mar. De uma ponta a outra. A Tarde exigia, perto da competição fazer aquele percurso [...] de 5000m, era a única exigência, era lá do Porto dos Tanheiros até a Ponte do Crush, que eu já conhecia porque já tinha feito a Prova dos Diários Associados.

Relembra da prova e todo o esforço que fez para chegar ao Porto da Barra.

[...] em frente já ao Porto da Barra, eu nadava uma braçada, duas, voltava três, quatro metros. Eu parei e perguntei ao meu técnico: o que é que tá acontecendo? Ele disse: é a maré contra. [...] Fomos até o Farol e voltamos nadando por cima das pedras. [...] E o povo todo veio pra ponta ali do Farol. [...] virei aquela ponta ali na frente do Farol, e entrei no Porto da Barra.

Ela se recorda de que o seu guia, um pescador, reconhecendo sua garra e capacidade caiu na água e foi guiando-a sobre as pedras. Nessa luta contra a força da maré conseguiu ajudar um nadador do Rio de Janeiro. “Ele também estava se batendo, e eu disse: venha que eu estou tendo orientação. Pode me acompanhar que a gente vai chegar juntos. E chegamos juntos.”

Na chegada, no Porto da Barra, relembra: “E o povo batendo palma, batendo palma. Foi muito bonito! Isso aí. Eu achei lindo viu?”

Ao perguntar sobre qual era a sua motivação no momento em que lutava para entrar no Porto da Barra, ela diz enfaticamente: “Era a alegria de alcançar o objetivo minha filha! O objetivo era chegar”.

Para ela, a vida é cheia de objetivos. Diz que sempre buscou alcançar os seus objetivos. A personalidade decidida, que Marília revela provavelmente foi decisiva na participação e chegada da terceira Travessia Mar Grande-Salvador. A travessia de 1957 foi o início de várias participações de Marília na Travessia. Foram feitas oito Travessias e diz que em 2018 fará a dos 80 anos. O que a motiva fazer tantas Travessias? Ela assim responde:

Olha! O que me motiva fazer a Mar Grande-Salvador é a idade. Então eu fiz com dezoito, dezenove e vinte anos. [...] Fiz a dos 50 anos, 51 anos. A Tarde queria transformar a Travessia em internacional. Então eu fiz dos 51. Veio 60 anos. A dos 60 anos eu quebrei meu recorde. Fiz em 2h54min. Aí veio a dos 70 anos, depois veio a dos 75 anos. Agora o meu entusiasmo é fazer a dos 80.

Marília fala também da sua influência em motivar a participação de outras mulheres na Travessia. Ela conta: “Olha! A Desirée mesmo, me disse uma vez: se ela pode fazer porque que eu não posso? Aí foi fazer. E já fez 23 vezes, né?”

Para Goellner (2005, p. 89), “A ampliação da participação feminina em diferentes espaços sociais, dentre eles os esportivos, não se deu sem a presença de conflituosas reações [...]’, sendo assim, Angela Maria e Marília, cada uma a seu

modo, enfrentaram as resistências, e à despeito das convenções e educação da época não desistiram de seus propósitos.

Passados mais de 30 anos desde as primeiras participações femininas, Desirée lembra que, ao decidir fazer a sua primeira Mar Grande-Salvador disseram que ela era “louca”. Era o ano de 1991. Sendo formada em Educação Física com ampla experiência como professora e técnica de natação, tem assistido a várias demonstrações que indicam a permanência, mesmo que muitas vezes velada, de preconceitos e de resistências quando uma mulher resolve participar da Travessia. “A gente não percebe, mas existem ainda resistências domésticas. É dos maridos. Está treinando demais! Tá abandonando os filhos”! Conta ela se referindo aos discursos de alguns esposos das suas alunas.

Segundo Desirée, muitas mulheres deixam de treinar com receio de prejudicar a educação dos filhos. A pressão de alguns maridos termina por fazê-las desistir, afirma ela. Diz, ainda, que quando se trata da participação na Travessia Mar Grande-Salvador, o preconceito dos maridos tem estágios. O primeiro estágio é a participação no circuito para se habilitar para a Travessia. “E nessa hora, nesse momento, vamos dizer assim, tem que ser quebrados esses tabus, né? De ‘vai ficar exposta ao sol’, porque são usados como argumentos, né? Vai ficar com o ‘ombro muito largo’, ‘vai se masculinizar”.

O segundo estágio é a participação na Mar Grande-Salvador. “Pra quê isso? Não precisa disso! Pra quê tanto tempo? Você já fez isso! Vamos sair de férias com os meninos”, exemplificam o discurso de alguns maridos das suas alunas, para dissuadi-las de fazer a Travessia.

Desirée também comenta que, muitas vezes a mulher consegue vencer a resistência do marido, e quase como um “favor” ele começa a acompanhá-la nas competições. Frases como: “eu vou assistir você pra ver o que é que vai acontecer”, “vou te prestigiar” são ditas por eles. No entanto ao começar a frequentar o ambiente, ao ver o reconhecimento e os resultados da mulher, ocorre uma revisão de conceito. “Vi essas transformações algumas vezes. Então, não é uma batalha já ganha. Ainda o preconceito está aí.”

A realidade posta por Desirée indica que permanecem certas representações da mulher. Pinsky (2013a), fala de papéis como o da mãe abnegada, que se coloca em segundo plano frente às necessidades da família. A permissão para usufruir do lazer, de cuidar de si mesma, de realizar projetos pessoais, termina por ficar subordinada a papéis tradicionalmente esperados para a mulher.

A respeito da masculinização dos corpos, Goellner (2012) fala que, a crença de que algumas modalidades esportivas masculinizam a mulher deve ser analisada e discutida. Na natação, o estigma do ombro largo, é exemplo disso. O padrão da mulher feminina, bela e graciosa, termina por causar o afastamento de meninas e mulheres de algumas modalidades esportivas, mesmo considerando o modelo mais atlético dos dias atuais.

A experiência resultante das inúmeras Travessias lhe confere segurança quando o assunto é Mar Grande-Salvador. Para ela:

É um desafio porque além de você ter que ter um treinamento exaustivo, ter que superar, [...] o que exige esse treinamento, tem as próprias contingências que você enfrenta no mar, né? Você depende do tempo, você depende do barco que vai te guiar, você depende do seu guia [...] de quem vai estar no barco, né? E não importa também você estar bem treinada, depende do seu emocional. Então é uma combinação assim de fatores que você tem que equilibrar.

O que a tem levado a participar 22 vezes da Travessia? Ela discorre que o prazer de nadar, alimenta a continuidade, e mais, ela tem uma causa principal: fazer a Travessia Mar Grande-Salvador.

Diferentemente da experiente Desirée, a estreante Fernanda participou da sua primeira Travessia em 2016. “O meu medo era de desistir. Eu ficava o tempo todo: Eu não quero desistir. Porque você chegar até aqui já é muito desafiador [...] ao longo do ano [...] foram meses de treinamento, eu me dediquei muito”.

A dedicação é um dos principais ingredientes para que um projeto como o da Mar Grande tenha êxito. Fernanda relata a rotina pesada quando da preparação para a prova. “Tinha treinos a noite, eu, estudava, trabalhava o dia todo, aí quando chegava em casa de noite tinha que nadar, então era uma vida assim: de manhã nadava, de noite nadava, na época da Mar Grande”.

Ela comenta ser muito difícil para uma mulher, nos dias atuais, se submeter a uma rotina como essa. A vida moderna, os inúmeros afazeres, a questão financeira, e a falta de compartilhamento dos maridos, são alguns dos motivos. Para ela a sociedade ainda não está organizada do ponto de vista da mulher. Para Scott (2013, p. 38), “[...] ainda temos uma estrada bem longa e difícil para que a divisão equitativa das responsabilidades e isonomia entre homens e mulheres entre nós brasileiros sejam alcançadas”.

O medo de desenvolver os ombros também é um fator que ela atribui para que muitas mulheres não se submetam ao treinamento. “Algumas mulheres que conheço, dizem: não nade muito! Porque vai ficar com o ombro largo”. Aponta também o medo do mar e o estigma da mulher frágil como fatores que também colaboram para a reduzida participação das mulheres na Travessia Mar Grande-Salvador.

[...] quando você faz um esporte que é predominantemente masculino e você é mulher, as pessoas já te enxergam de outra forma. As pessoas dizem: pô! Essa mulher atravessa o mar? Sabe, assim no sentido de admiração? [...] é interessante porque as pessoas ainda se admiram de uma mulher participar, de uma prova dessa natureza. É, tem essa admiração ainda assim, muito forte.

A respeito de resistências sociais que precisou enfrentar, lembra que foram pequenas; a mãe foi um pouco contra porque tinha medo do mar. Pessoas próximas a ela, também ficaram bastante receosas quando decidiu participar da competição. A reação mais enfática que recorda, foi a de um amigo quando lhe disse que iria fazer a Travessia. Rememora: O que é que você vai fazer? Você não vai conseguir fazer isso! Isso é impossível! Lembra que respondeu a ele: “Não. Isso é possível porque tem várias mulheres que já fizeram essa Travessia, e eu treinei muito para fazer essa prova. Aí quando cheguei do outro lado, eu mandei uma foto pra ele. Viu que eu disse que eu ia chegar”?

Para ela, no final, todo o esforço empreendido e obstáculos superados se tornam pequenos quando a entrada do Porto da Barra se aproxima. “Chegando no Porto da Barra, aqueles prédios ficam ali assim pertinho, próximos de mim [...] sentir aquele sentimento pleno [...] a felicidade genuína”. Recorda feliz!

As experiências relatadas pelas entrevistadas desse estudo, são reveladoras, no sentido de indicar como a educação da mulher determina para ela condutas, cerceamentos, preconceitos, que as impedem de viver outros projetos, outros papéis sociais, além daqueles consentidos socialmente.

4.2 O QUE O MAR NOS ENSINOU

Canções, poesias, lendas e histórias sobre o mar, foram criadas, ao longo da existência humana, para retratar não apenas os sentimentos que ele desperta, mas também para contar as experiências nele vividas. Nesse estudo falamos sobre uma dessas experiências; a de realizar a nado a distância que separa uma ilha de um continente. Partindo do princípio de que o sentido está em toda parte (VERÓN, 1980) analisamos nessa parte do texto, quais os sentidos e significados dessa experiência para a educação das nossas colaboradoras.

Identificamos que a experiência foi importante para a formação, para a vida dessas mulheres. Larrosa (2002) discute a educação, o saber, a partir da experiência. Para ele, a experiência é tudo que nos passa, tudo o que nos toca, tudo o que nos transforma. Sendo o saber da experiência individual, espera-se que para uma mesma experiência, cada pessoa lhe atribua um significado diferente. Isso é constatado nas reflexões das mulheres que realizaram a Travessia.

Eu acho muito importante a presença da mulher no esporte. Eu acho que a mulher tem condição de fazer qualquer esporte. Eu acho que é muito importante, é muito importante pra mulher se sentir capaz, porque a mulher é criada para ser inferior, né?

Porque as mulheres, as próprias mulheres achavam que não eram capazes de fazer a uma travessia daquela, porque era uma prova pra homem. Era uma prova muito grande.

As falas de Angela são um bom ponto de partida para discutirmos a potencialidade educativa da experiência da Travessia. Foi dito nesse estudo que a mulher, durante o seu processo histórico, foi naturalizada como um ser inferior. Santos (2007), discutindo sobre a sociologia das ausências, processo que procura

mostrar que o que não existe é produzido ativamente para não existir, fala que um dos modos de produzir as ausências é a monocultura da naturalização das diferenças. Nesse processo, a diferença é pensada como desigualdade, resultando em uma hierarquia, e, portanto, naturalizando os que são inferiores/diferentes.

Identificamos a mulher como um dos grupos que tem sido hierarquicamente naturalizado como um ser inferior. A proposta de Santos (2007), é substituir as monoculturas pelas ecologias. No caso aqui exposto, substituir a monocultura da naturalização das diferenças pelas ecologias do reconhecimento. O processo de descolonização é realizado identificando o que é hierarquia, e o que não é.

Ao analisarmos o discurso de Angela, na perspectiva que Santos (2007) traz, podemos supor que a experiência da Travessia Mar Grande-Salvador pode contribuir para desmistificar (descolonizar), por exemplo, que a fragilidade, a falta de coragem, a força, a determinação, não são atributos das mulheres. Com isso, não só acreditam serem capazes, mas desconstroem o que foi culturalmente produzido.

Outro elemento que emerge da fala das entrevistadas é a importância do reconhecimento social provocado pela participação na Travessia, para a autovalorização, para a autoestima dessas mulheres. A conquista desses sentimentos traz a mulher para o protagonismo social, visibilizando a sua existência.

A Travessia pra mim foi muito importante, até porque eu fui muito homenageada, eu fiquei, passei a ser Angela Maria Carvalho, porque todo mundo, até fora da Bahia, todo mundo conhecia Angela por causa da Travessia Mar Grande- Salvador.

Eu fui homenageada em vários lugares, em várias ocasiões. Eu fui rainha do carnaval por causa da Travessia Mar Grande-Salvador. O Clube Comercial fez aniversário aí convidou, e o convite do aniversário foi assim: À heroína da Travessia Mar Grande-Salvador, vai desfilando como nossa rainha. Não teve concurso, não teve nada. Eu fui chamada, fez a homenagem. Rainha do carnaval do Clube Comercial, porquê? Por causa da Travessia Mar Grande-Salvador.

Então Mar Grande-Salvador teve muita influência na minha vida. Teve muita influência na minha formação, muita influência no meu conhecimento, no meu comportamento.

A nadadora Desirée Dalia utiliza o simbolismo do Ano Novo para expressar o significado da Travessia na sua vida. Podemos interpretar que para ela significa um fechamento de ciclo, e um novo recomeço. “Pra mim a Travessia significa o Ano Novo na minha vida. Toda vez que eu chego de uma Travessia, é quando o ano recomeça”. Além disso, “a Travessia, ela é uma lição, um exercício pra mim, de vida.

Eu trago, tudo que eu aprendo treinando, nadando, eu trago pra minha vida pessoal, pra minha vida profissional”, acrescenta a depoente.

Sobre a sua experiência, a nadadora reflete:

Bem, eu acho que ela me coloca no meu lugar, e as vezes não é o melhor lugar né? Ela trabalha com minha vaidade, né? Admiro os meus adversários, as minhas adversárias porque elas me colocam no meu lugar também, entende? Às vezes na vida, o lugar que agente está não é o lugar que a gente queria estar, mas é o lugar da gente, e a gente tem que respeitar isso, então, eu acho que me faz eu exercitar a humildade também.

Continuando as suas reflexões, a entrevistada, sendo mãe, faz uma relação entre a aquisição de sentimentos, atitudes, valores que resultam da experiência da Travessia e a mulher/mãe. Para ela, a resistência (essência da Travessia), a tenacidade, a paciência, a disciplina, a fé, são ingredientes que auxiliam a mulher no exercício da maternidade. Além disso, acrescenta que todo esse aprendizado é levado para vida para o dia a dia.

Tenho aprendido muito, muito, com a Mar Grande-Salvador, cada vez que eu faço, tem uma coisa nova, sempre tem uma coisa nova, não é a mesma coisa, não é uma prova, vamos dizer, que você entra na piscina e que tá tudo ali planejado. É sempre é uma prova inédita! A forma como você entra no Porto da Barra, a forma como você nada, o que você sente durante a prova, o que você pensa.

As reflexões da nadadora corroboram para ratificar a Travessia no campo da educação não-formal, já que da experiência emergem aprendizados importantes para capacitar a pessoa como cidadã do mundo. Esses aprendizados são construídos interativamente em relações sociais baseadas em princípios de igualdade, educando o ser humano para a civilidade (GOHN, 2006).

Fernanda, semelhante a Angela Maria, sente-se valorizada pelas pessoas, devido à forma como começam a enxergá-la após a Travessia. Além disso, ressalta que a experiência faz com que se consiga minimizar os medos frente a novos desafios, encarando as situações de forma mais equilibrada. Diz ela:

Acho que te dá a fortaleza. Essa força que eu acho muito forte dentro de mim. Então eu acho que dá muito medo do desconhecido mas quando passa a ser conhecido depois que você faz, você olha pra traz, pro mar, vê aquele mar do outro lado e diz: eu já fiz isso, e eu faço de novo.

A disciplina, conhecer os próprios limites, capacidade de lidar com várias atividades, também são apontadas pela nadadora como ganhos da experiência da Travessia.

No aspecto das relações humanas, a nadadora diz ser muito positivo porque se tem contato com pessoas de diferentes idades, culturas, locais, situação financeira.

Fernanda comenta que, além do contato direto com a natureza, a Travessia te instiga a conhecer o mar, o que na sua visão amplia seus conhecimentos. Conhecer a geografia, os movimentos das marés, a influência da lua, são importantes para quem treina e para quem compete no mar. Acrescenta que são conhecimentos que não se aprende na educação formal.

A fala de Fernanda revela ser consciente do potencial educativo da Travessia, ao enumerar vários ganhos que a experiência confere, para a sua formação, para a sua educação.

5 LUGAR DE MULHER É NO MAR ABERTO?

Nadamos por essas páginas, movidos pelas nossas inquietações, e do lugar em que agora estamos avistamos o longo caminho percorrido. Elaborar um trabalho sobre a história da natação baiana, desejo inicial da pesquisadora, favoreceu outros mergulhos; relacionar a educação da mulher   história da participação das mulheres na Travessia Mar Grande-Salvador.

De onde partimos interess vamos saber: Considerando a história da participação das mulheres na Travessia Mar Grande-Salvador, quais as relações que podemos estabelecer entre a educação das mulheres e a participação na prova? A partir dessa questão, traçamos o objetivo principal do estudo que foi reconstruir, no tempo presente, uma das histórias da participação das mulheres na Travessia Mar Grande-Salvador, a fim de estabelecer relações entre a educação das mulheres e a participação na prova.

O percurso foi guiado pela metodologia da história oral temática e de fontes documentais primárias e secundárias. Entrevistamos mulheres que participaram das duas primeiras e da última Travessia, e homens que participaram da organização do evento em diferentes épocas da competição. Alguns autores nos acompanharam nesse percurso.

A rede de relações estabelecidas neste trajeto foi organizada em cinco capítulos, a começar pela introdução, onde situamos o objeto a ser investigado. Elaboramos a pergunta-síntese, definimos objetivos, justificativa, relevância e metodologia do estudo.

No capítulo intitulado A Travessia Mar Grande-Salvador: uma das mais antigas provas do gênero do país, reconstruímos a história da Travessia Mar Grande-Salvador, onde destacamos a primeira, segunda, terceira e última Travessia, considerando aspectos relacionados a origem, a participação das mulheres e dos homens, a repercussão social, a organização e a estrutura do evento nos diferentes períodos.

Na História da Educação das Mulheres no Brasil, capítulo três desse estudo, traçamos, uma linha histórica sobre a educação das mulheres no Brasil, onde foram privilegiados determinados períodos a partir dos anos 1950 até o tempo presente, e tecemos relações entre: a história da educação da mulher e a história da natação feminina no Brasil.

No capítulo quatro, Aprendendo no Balanço das Ondas: o que o mar nos ensinou, apresentamos as nossas colaboradoras, e as suas histórias e memórias, salientando as experiências e os saberes advindos da participação na Travessia. E por fim as considerações finais.

Um dos primeiros resultados que logo ficaram evidentes no estudo, foi a constatação de que as mulheres que participaram da Travessia são brancas, da classe média e possuem em sua maioria, formação de nível superior. Baseados na realidade evidenciada pela pesquisa e nos estudos de Deive (2004) sobre a história da natação feminina no Brasil, identificamos que em relação à participação das mulheres na Travessia esse cenário permanece, indicando que o esporte continua elitizado, sendo portanto um reduto da classe média, branca e escolarizada.

A quantidade de mulheres participantes da prova na 52ª Travessia Mar Grande-Salvador, mostra que, apesar dos 60 anos que separam essa edição das primeiras participações da mulher na Travessia, a relação homens/mulheres participantes guarda uma desproporção relevante. Os depoimentos das nossas colaboradoras, apontam como principais motivos para esse desequilíbrio na proporção homens/mulheres, o medo da masculinização do corpo feminino e as restrições familiares e sociais.

Como visto na seção 3.2, há uma crença social de que certas modalidades esportivas masculinizam a mulher. O estigma do “ombro largo”, que acompanha a prática da natação, deixa claro a permanência de uma representação de feminilidade que valoriza a delicadeza e a harmonia das formas. Se Pinsky (2013b) aponta, que esse modelo firma-se até o início dos anos de 1960, conjecturamos que ele ainda parece predominante até os dias atuais.

Apesar das entrevistadas não terem relatado restrições relevantes dentro do núcleo familiar, formado pelos pais e irmãos, a colaboradora Angela Maria narra que

foi proibida de nadar pelo namorado após ter sido pedida em casamento. “Eu era rebelde mas não fui tanto! Aí parei de nadar”. Constata-se na fala da entrevistada, que a emancipação da mulher na década de 1950, ainda obedecia à lógica do mando masculino, e semelhante às famílias coloniais fundadas no patriarcado, deviam obediência aos homens.

Resistências sociais foram relatadas pela entrevistada Angela Maria. Ela diz que, a educação à época, criava a mulher para ser dona de casa e que, como assinalamos ao longo desta pesquisa, eram papéis típicos da educação da mulher nos anos de 1950. Por isso atividades consideradas ousadas, como por exemplo, participar de uma prova como a Travessia era recriminada.

Desirée, por sua vez, se reportou às reações dos companheiros de suas alunas, quando estas resolvem participar da Travessia. A conduta relatada pela colaboradora nos remete ao ideário da mulher abnegada e, a permanência de representações, que atribui a mulher a quase exclusiva responsabilidade dos cuidados do filho e da família, ambos tratados nesse estudo.

Para todas as colaboradoras, a experiência da Travessia foi muito significativa para a educação, mesmo quando a frustração de não chegar esteve presente. A superação das limitações, o fortalecimento da autoestima, a autovalorização, o respeito pelo outro, o convívio com as diferenças, a disciplina e, a aquisição de novos saberes, revelaram-se nos depoimentos das entrevistadas. Essas aquisições e transformações advindas da experiência remetem a Larrosa (2002), quando fala sobre a educação na perspectiva dos saberes experienciais. Para o autor, ao sermos tocados e transformados pela experiência nos formamos, nos educamos. São aprendizados que preparam para a vida, para o convívio em sociedade, para uma convivência humana e cidadã.

No nosso estudo pudemos constatar que o ‘funil de chegada’¹⁵ é outro: ao considerar a mulher, o funil é imposto socialmente, desde o nascimento, por meio da educação, dos tabus sociais, das exigências de ações, de cobranças a

¹⁵ Expressão utilizada na Travessia, como para sinalizar o espaço em que os e as nadadores e nadadoras devem entrar para chegar em terra firme e, dessa forma, finalizar a prova.

determinadas posturas, de atitudes, de restrições às espaços sociais, como o desportivo, e nele, a natação em mar aberto é um exemplo.

Na Travessia Mar Grande-Salvador, há o deslocamento simbólico deste funil, seja na constatação da reduzida participação quantitativa das mulheres em relação à participação dos homens, seja nas representações do feminino que continuam a restringir o acesso das mulheres a esta modalidade esportiva, ainda considerada como de reserva masculina.

O medo da masculinização dos corpos nos indica a continuação predominante de um padrão que valoriza e atribui, à mulher, a harmonia das formas e a delicadeza. Podemos supor que corpos fortes, musculosos e com contornos diferentes estão associados às características consideradas tipicamente masculinas, como a competitividade, a determinação, a força, e, portanto, estão na contramão de uma educação que inculcou pseudoverdades, naturalizou a passividade, a incapacidade, a fragilidade, o medo, como características próprias da mulher.

As resistências familiares e sociais, quando existentes, permanecem assentadas nos preconceitos e estigmas que insistem em tolher a mulher do poder da escolha, de superar e querer acessar outras dimensões sociais além daquelas que, secularmente, lhes foram impostas.

A natação em mar aberto é uma modalidade esportiva que remete ao desconhecido, à aventura, à coragem, à determinação, à força, elementos considerados socialmente como pertencentes ao universo masculino. Ao ser realizada pela mulher, há uma quebra de paradigma, que pode possibilitar alterar algumas representações do feminino e contribuir para ressignificar e ampliar os papéis sociais que historicamente foram atribuídos às mulheres e, quem sabe, construir relações mais igualitárias entre homens e mulheres.

Sabemos que atravessamos um dos percursos possíveis, porque o mar com suas ondas e correntezas, pode nos levar a outras margens, a outros conhecimentos, a outras perguntas. Mas, em se tratando de pesquisas na área da educação, cuja discussão seja gênero, como podemos, superar esse padrão duplo e dicotômico de mulher frágil, do lar, feminina, abnegada/forte, corajosa, masculina, de maneira a contribuir para a formação plena e emancipada da mulher, sem

discriminações de qualquer natureza? Esta é uma questão que continuamos a perseguir. No entanto, apresentamos algumas pistas.

Consideramos como possibilidades a superação da cultura escolar, com o intuito de valorizar e realizar atividades corporais desafiadoras, na escola e em outros espaços além dela, dentre eles a natação no mar, um bem público, e que, pode ser apropriado pela educação de forma geral e pelos professores de educação física, em específico. Entendemos que, como curso de formação, a Educação Física deve rever toda a lógica formativa que a acompanha desde sua origem no Brasil e na Bahia. Rever no sentido de alterar lógicas preconceituosas, masculinizantes e discriminatórias em relação à educação de forma geral e, em especial, à educação das mulheres com vistas a uma educação mais igualitária, com a garantia de equidade de oportunidades e possibilidades.

Neste sentido, reexaminar os conceitos sobre feminilidades e masculinidades é fundamental para alterarmos a lógica machista e discriminatória existente até o tempo presente, em relação à educação das mulheres, tanto no espaço familiar como no escolar. Igualmente fundamental, é criar e implementar políticas públicas que viabilizem a prática de atividades esportivas para as mulheres como, por exemplo, a natação e a natação em mar aberto.

Alterar lógicas que, historicamente, reservaram às mulheres espaços e funções secundárias é tarefa central para nós mulheres, mães, professoras, pesquisadoras, enfim, educadoras que somos. Para que uma nova educação das mulheres surja, precisamos agir. Enfim, como no mar aberto, os desafios estão postos e precisamos desejar e mergulhar nesta, em outras, e diferentes travessias.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: PRIORE, Mary Del (Org.). PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 45 – 77.
- AREND, Sílvia Fávero. Trabalho, Escola e Lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi & PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 65 – 83
- AZEVEDO, Paulo Ormindo de. *Alexander S. Buddeüs: a passagem do cometa pela Bahia*. Vitruvius. São Paulo, fev 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/268>>. Acesso em: 21 set. 2012.
- BAHIA. *Praias de Salvador*. Disponível em: <<http://bahia.com.br/roteiros/praias-de-salvador/>>. Acesso em: 02 jan. 2017.
- BAHIA SECOM. Esportes. *Travessia Mar Grande-Salvador terá seis baianos apoiados pelo FazAtleta*. 08 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.secom.ba.gov.br/2016/01/130193/Travessia-Mar-Grande-Salvador-tera-seis-baianos-apoiados-pelo-FazAtleta.html>>. Acesso em: 29 jul. 2016.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação como cultura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002
- _____, Carlos Rodrigues. *Educação popular*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, (Primeiros Vãos)
- _____, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 57ª reimpr. da 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, (Coleção Primeiros Passos).
- BRASIL. CBDA. Maratonas Aquáticas. *Critérios Travessia a Nado Mar Grande X Salvador 2016*. 01 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.cbda.org.br/ba/maratonas/noticias/17191/criterios-travessia-a-nado-mar-grande-x-salvador-2016>>. Acesso em: 29 jul. 2016.
- BRASIL. CBDA. Maratonas Aquáticas. *52ª Travessia a Nado Mar Grande X Salvador 2016. Resultados*. Disponível em: <<http://www.cbda.org.br/ba/maratonas/evento/244/52-ordm-travessia-mar-grande-x-salvador-2016>>. Acesso em: 29 jul. 2016.
- BRASIL ESCOLA. História do Brasil. *Era Vargas - Governo Democrático*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/getulio-vargas.htm>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

DEVIDE, Fabiano Pries. *A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos*. Revista Movimento, v.10, n.2, p. 125-144, mai-ago, 2004. Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2837/1450> > Acesso em: 20 mar. 2014.

_____, Fabiano Pries. *História das mulheres na natação brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais*. São Paulo: Hucitec, 2012.

_____, Fabiano Pries; VOTRE, Sebastião Josué. *Primórdios da natação competitiva feminina: do “páreo elegância” aos Jogos Olímpicos de Los Angeles*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.34, n.1, p. 217-233, jan-mar, 2012. Disponível em: < <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/773/731> > Acesso em: 20 mar. 2014

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Gênero e Escolha Profissional. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (Orgs.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002. Coleção Bahianas; 7. p. 233 – 246.

FERNANDES, Renata Sieiro. *Educação não formal, os registros e a oralidade*. Campo Grande, MS, n.38, p. 169-182, jul./dez. 2014. Série-Estudos-Periódico do programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB. Disponível em: <<http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/viewFile/803/674>. Acesso em: 18 set. 2016.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 26 ed. (Coleção Leitura).

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Omnilateral. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Organizadores). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012. Disponível em: < <http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf> >. Acesso em: 10 jan.2017.

GADOTTI, Moacir. *A questão da educação formal/não-formal*. Institut International des Droits de L’Enfant (IDE). Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005. Disponível em: < http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf >. Acesso em: 11 out. 2016

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história*. Revista Pensar a Prática (UFG). v. 8, n. 1, p. 85-100,

2005. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/feff/article/view/106/2275>>. Acesso em: 11 out. 2016.

_____. Silvana Vilodre. *Mulheres e esportes: sobre conquistas e desafios*. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Ano II, n. 4, dez 2012. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2012/revista-observatorio_final_portugues.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017

GOHN, Maria da Gloria. *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. [online]. 2006, vol.14, n.50, pp. 27-38. ISSN 0104-4036. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2016.

GÓIS JUNIOR, Edvaldo; SIMÕES, José Luís. *A história da educação física no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

HATJE, Vanessa; ANDRADE, Jailson B. Introdução. In: HATJE, Vanessa; ANDRADE, Jailson B (organizadores). *Baía de Todos os Santos: aspectos oceanográficos*. Salvador, EDUFBA, 2009. Disponível em: <http://www.meioambiente.ba.gov.br/arquivos/File/Publicacoes/Livros/baia2009.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

IBGE CIDADES. *Bahia. Salvador. Informações completas*. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292740&search=bahia|salvador>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

_____. *Bahia. Vera Cruz. Histórico. 2016*. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=293320>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, n.19, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

LENK, Maria. *Braçadas e abraços*. Rio de Janeiro: Grupo Atlântica Boa-Vista, 1982.

LIMA, Aurélio. *Ana Marcela não participará da Travessia Mar Grande/Salvador*. A TARDE, Salvador, 04 jan. 2016. Esportes. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/esportes/noticias/1737163-ana-marcela-nao-participara-da-travessia-mar-grande-salvador>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

_____. *Nadadores terão apoio de 1ª na Travessia Mar Grande/ Salvador*. A TARDE, Salvador, 07 jan. 2016. Esportes. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/esportes/noticias/1737951-nadadores-terao-apoio-de-1a-na-travessia-mar-grandesalvador>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

_____. *Desafio move 'anônimos' a completar a Mar Grande/Salvador*. A TARDE, Salvador, 08 jan. 2016. Esportes. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/esportes/noticias/1738178-desafio-move-anonimos-a-completar-a-mar-grandesalvador>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 443 – 481.

_____, Guacira Lopes. O Cinema como Pedagogia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Organizadores). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 423 – 446.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Pesquisar a experiência compreender/mediar saberes experienciais*. 1 ed. Curitiba: CRV, 2015.

MAIA, Adinoel Motta. *Iate Clube da Bahia: 60 anos de história*. Salvador: Iate Clube da Bahia, 1995. 243 p.

MANCINI, Giuliana. *Allan do Carmo é o grande campeão da 52ª Travessia Mar Grande/Salvador*. Correio, Salvador, 10 jan. 2016. Esportes. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/single-esporte/noticia/allan-do-carmo-e-o-grande-campeao-da-52a-travessia-mar-grandesalvador/?cHash=41991a081c0e52342f25b37790d44a4>>. Acesso em: 29 jul. 2016

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. Programa de mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi & PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 148 – 168.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

MOURÃO, Ludmila. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In: VORTRE, Sebastião (Coord.). *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho. 1996. p. 61 – 78.

_____, Ludmila. *Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização*. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 5-18, 2000. Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/11777/6976> > Acesso em: 05 jan.2017.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H.L; TUBINO, Manuel, J.G. *A inserção histórica da mulher no esporte*. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. 2008; 16(2): 117 a 125. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/1133/884>. Acesso em: 30 mar 2016.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi. A Era dos Modelos Flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi & PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 513 – 544.

_____, Carla Bassanezi. A Era dos Modelos Rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi & PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013b. p. 469 – 512.

_____, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.). PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 607 – 639.

PIRES, Roberto Gondim. *Educação Física na Bahia: cenas e flashes de uma história*. Salvador: Editor Arcádia, 2008.

PREFEITURA DE ITAPARICA. *História de Itaparica*. 17 set. 2013.
Disponível em: <<http://www.itaparica.ba.gov.br/index.php/o-municipio/historia>>.
Acesso em: 22 jun. 2016.

RIBEIRO, Carlos. *Um século de jornalismo na Bahia, 1912 – 2012*. Lauro de Freitas, BA: Solisluna Editora, 2012.

RISÉRIO, Antonio. *Uma história da cidade da Bahia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *Historia da educação no Brasil (1930/1975)* 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROSEMBERG, Fúlvia. A Educação Física, os Esportes e as Mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, Elaine (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 271 – 308

_____, Fúlvia. Mulheres Educadas e a Educação de Mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi & PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 333 – 359.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. Mouzar Benedito (Trad.). São Paulo: Boitempo, 2007.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi & PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 15 – 42.

SILVA, Maria Cecília de Paula Silva. O esporte e a formação da mulher no início do século XX: significados históricos no espaço escolar. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de (Org.). *História oral aplicada a educação física brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1998. p. 169 – 204.

_____, Mulher, Jogos Olímpicos e Memória Nacional: o caso de Piedade Coutinho. In: TAVARES, Otávio; DA COSTA, Lamartine P (Ed.). *Estudos Olímpicos: Programa de Pós – Graduação em Educação Física*. Rio de Janeiro: Editora Gama filho, 1999. p.140 – 153.

SILVA, Maritza Maffei da. Mulher, identidade fragmentada. In: ROMERO, Elaine (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 109 – 125.

TELLES, Lygia Fagundes. Mulher, Mulheres. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 669 – 672.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1992.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

TOLEDO, Cecília. *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. 2ed. São Paulo: Sundermann, 2008.

TOMÉ, Dyeinne Cristina. *Modas e Modos Domésticos: os manuais de instrução femininos e a educação da mulher – décadas de 1950 e 1960*. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

VERÓN, Eliseo. *A produção de sentidos*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

Periódicos

A Tarde. Salvador. n. 14.358, 29 dez.1954

_____, Salvador. n. 14.371, 15 jan. 1955

_____, Salvador. n. 14.373 18 jan. 1955

_____, Salvador. n. 14.379, 25 jan. 1955

_____, Salvador. N.14.381, 27 jan. 1955

_____, Salvador. n. 14.383, 29 jan. 1955

_____, Salvador. n. 14.384, 31 jan. 1955

_____, Salvador. n. 14.387, 03 fev. 1955
_____, Salvador. n. 14.390, 07 fev. 1955
_____, Salvador. n. 14.629, 25 nov.1955
_____, Salvador. n. 14632, 29 nov. 1955
_____, Salvador. n. 14.668, 11 jan. 1956
_____, Salvador. n. 14.669, 12 jan. 1956
_____, Salvador. n. 14.671, 14 jan. 1956
_____, Salvador. n. 14.676, 20 jan. 1956
_____, Salvador. n. 14.677, 21 jan. 1956
_____, Salvador. n. 14.678, 23 jan. 1956
_____, Salvador. n. 14.688, 04 fev. 1956
_____, Salvador. n. 14.690, 06 fev. 1956
_____, Salvador. n. 14.963, 02 jan. 1957
_____, Salvador. n. 14.964, 04 jan. 1957
_____, Salvador. n. 14.966, 07 jan. 1957
_____, Salvador. n. 14.967, 08 jan. 1957
_____, Salvador. n. 14.968, 09 jan. 1957
_____, Salvador. n. 14.969, 10 jan. 1957
_____, Salvador. n. 14.970, 11 jan. 1957
_____, Salvador. n. 14.972, 14 jan. 1957
_____, Salvador. n.14.973, 15 jan. 1957
_____, Salvador. n. 14.976, 18 jan. 1957
_____, Salvador. n. 14.978, 21 jan. 1957
DIÁRIO DA BAHIA, Salvador. 18 dez. 1923.

ANEXO A

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PPGE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Mestrado e Doutorado

Salvador, 23 de maio de 2016.

Prezado(a) Senhor(a):

Apresentamos a V.Sa. **Lygia Maria dos Santos Bahia**, matrícula 215115522, aluna regular do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA, que está desenvolvendo a pesquisa intitulada: "Memórias de Mulheres Nadadoras: o que a Travessia Mar-Grande Salvador tem a dizer sobre a educação feminina", com o objetivo de analisar o que a experiência da Travessia Mar-Grande Salvador representou para a educação das mulheres que dela participaram, o trabalho de campo será desenvolvido no período de maio de 2016 a março de 2017.

Informamos que a realização dessa pesquisa é de fundamental importância para a construção da dissertação de Mestrado de Lygia Maria dos Santos Bahia e que este projeto está sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Cecília de Paula Silva.

Esperamos contar com sua colaboração no sentido de permitir o acesso da referida mestrandia às informações, bem como autorizar o uso de equipamentos para fotografia e gravação das atividades.

Atenciosamente,


Jonel Cerqueira Barbosa
Coordenador em Exercício
Prof. Dr. Jonel Cerqueira Barbosa
Vice-Coordenador
PPGE/FACED/UFBA

Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, Vale do Canela,
CEP 40.110.100, Salvador, Bahia, Brasil. 3263-7272/7262, FAX.3283-7292, E mail.pgedu@ufba.br.

ANEXO B

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O PROJETO DE PESQUISA MEMÓRIAS DE MULHERES NADADORAS: O QUE A TRAVESSIA MAR GRANDE - SALVADOR TEM A DIZER SOBRE EDUCAÇÃO FEMININA DE LYGIA MARIA DOS SANTOS BAHIA

1. Pelo presente documento,.....(nome),
(nacionalidade),.....(estado civil).....
(profissão), carteira de identidade nº.....
 emitida por....., CPF nº.....
 residente e domiciliado (a) em

cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal definitivo à Lygia Maria dos Santos Bahia a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia (ou entre os dias)....., na cidade.....perante os pesquisadores.....

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seu direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica pois Lygia Maria dos Santos Bahia plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

.....,
Local	Data
.....
(NOME DO CEDENTE)	(NOME DA INSTITUIÇÃO)

TESTEMUNHAS:

 Nome legível:
 CPF:

 Nome legível:
 CPF: